

José Saramago

A Segunda Vida de Francisco de Assis

Teatro

CAMINHO

o Campo da Palavra

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

José Saramago

A Segunda Vida
de Francisco de Assis

Teatro

CAMINHO
o Campo da Palavra

Ficha Técnica

Título original: A Segunda Vida de Francisco de Assis

Autor: José Saramago

ISBN: 9789722122122

Editorial Caminho, SA

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© José Saramago e Editorial Caminho, SA, Lisboa

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.caminho.leya.com

www.leya.pt

— Ó Pedro, que é do livro de capa verde, que te deu o avô?
— Já o dei ao Jorge a guardar.

JOÃO DE DEUS
Cartilha Maternal

A Segunda Vida de Francisco de Assis

Personagens

(por ordem de entrada em cena)

ELIAS — presidente da companhia

BERNARDO — membro do conselho

GIL — membro do conselho

LEÃO — membro do conselho

JUNÍPERO — membro do conselho

RUFINO — membro do conselho

MASSEO — membro do conselho

PICA — mãe de Francisco, chefe das secretárias

FRANCISCO — fundador da companhia

CLARA — secretária

INÊS — secretária

JACOBÁ — secretária

PEDRO — pai de Francisco, director-geral

PEDRO — representante dos pobres

Primeiro acto

Grande sala. Ambiente geral discreto e severo. Mesa comprida, cadeirões, cofre, telex, vários telefones, um terminal de computador. Sete cabides de pé estão alinhados a um lado. Ao fundo, suspenso, outro cabide, de grandes dimensões, composto de um ramo superior curvo e de uma haste vertical. Está reunido um conselho.

ELIAS

Embora, em minha opinião, não haja motivos de alarme, somos obrigados a reconhecer que as conclusões da sondagem não são tranquilizadoras. Nota-se uma curva tendencial que aponta a possibilidade duma perigosa redução das nossas áreas tradicionais de influência. Mas aquilo que deverá, talvez, preocupar-nos mais é o desequilíbrio percentual entre os dois motivos principais alegados pelo universo consultado. Setenta e um por cento dos inquiridos declaram que estamos a perder o domínio da situação porque a qualidade do nosso produto básico se tornou, em maior ou menor grau, insatisfatória. Vinte e três por cento insinuem ou chegam a afirmar francamente que o mal resulta da incompetência dos agentes e dos métodos que empregamos, inadequados aos tempos novos que vivemos. Os restantes seis por cento distribuem-se por várias opiniões, sem relevância especial que mereça análise.

BERNARDO

À primeira vista, o remédio seria fácil, deveríamos melhorar a qualidade do produto, uma vez que é para aí que a maioria se inclina. Facultando bons produtos ao consumo, até a suposta falta de competência dos agentes e a alegada desactualização dos métodos seriam desculpadas. Escusado será acrescentar, para que não me acusem de ingenuidade, que tenho perfeita consciência do carácter meramente teórico deste ponto de vista.

GIL

Absolutamente teórico. Por muito que nos custe aceitar a evidência, o certo é que, humanamente falando, não temos qualquer possibilidade de fabricar um produto melhor. Há muito tempo que atingimos o nível mais alto de qualidade

a que poderíamos aspirar. Agradecemos antes à publicidade o esforço que faz todos os dias para convencer os consumidores de que em todos os exercícios vamos ultrapassando as metas proclamadas. Infelizmente, os publicitários não podem fazer milagres, ou não podem repeti-los infinitamente. Setenta e um por cento das pessoas não estão satisfeitas com o que lhes damos.

LEÃO

Vendemos. Que dar, não damos nada.

GIL

Sim, vendemos, se fazes tanta questão de ser rigoroso.

JUNÍPERO

Gostaria que Gil me explicasse, por palavras simples, o que foi que queria dizer quando afirmou que, humanamente falando, não temos possibilidade de melhorar o produto. Tirando a maneira humana, existe outra?

GIL

Em tempos que já lá vão (mas será preciso lembrá-lo?), acreditámos que sim. Dê-se portanto desconto ao atrevimento da afirmação. As palavras é o que têm: se não temos cuidado, tornam-se num falar por falar. Limito-me a dizer, sem rodeios, que o produto principal não pode ser melhorado, e isso todos o sabemos.

ELIAS

(Tom condescendente)

Permito-me pedir a atenção de todos vós para a inutilidade de um debate sobre o fundo da questão, por muito aliciante que nos pareça. Outras vezes caímos nessa tentação. O que nos deverá importar, acima de tudo, é encontrar soluções quando elas forem necessárias. São-no agora. Tornemo-nos práticos e directos, queridos companheiros.

RUFINO

Eu faço o possível por ser prático, sempre tive essa preocupação na vida, mas o aperfeiçoamento da qualidade do que vimos dando...

LEÃO

Vendendo.

RUFINO

... deveria ser o nosso principal objectivo. Não faz sentido prometer mil e oferecer cem.

MASSED

(Brusco)

Elias tem razão. Estas discussões servem apenas para fazer perder tempo. Os factos estão diante dos olhos, embora eu, se me autorizam a observação, não tenha a certeza de que se possa dar, propriamente, o nome de factos aos resultados duma sondagem. A nossa influência diminui, e esse, sim, é um facto. Indubitável.

BERNARDO

Mas é um facto bruto, que requer estudo, análise, interpretação. É o que estamos a fazer.

GIL

Pois sim, mas por muito que analisemos e interpretemos, sempre iremos dar aos números. Setenta e um por cento não gostam do que fazemos, vinte e três por cento não apreciam o modo como fazemos. Daqui não há que sair.

LEÃO

E seis por cento, segundo ouvi dizer a Elias, têm opiniões irrelevantes. No entanto, talvez fosse interessante e elucidativo conhecer que opiniões vêm a ser essas.

ELIAS

(*Secamente*)

São irrelevantes, e basta. Podem verificá-las depois, se quiserem, e tenho a certeza de que concordarão comigo. (*Pausa.*) Faço notar que a sondagem que estamos apreciando é a que incidiu sobre aqueles aspectos da nossa actividade que temos de considerar negativos. Tenho aqui uma outra sondagem com dados que, não podendo classificar-se como positivos, são, digamo-lo assim, pacíficos.

RUFINO

E essa outra sondagem, diz o quê?

ELIAS

As conclusões não são totalmente explícitas. Mas os inquiridos exprimem, sobretudo, um sentimento de perplexidade, que deve ser, imagino, o menos quantificável dos sentimentos.

JUNÍPERO

Falando claramente...

ELIAS

Eu falo sempre claramente.

JUNÍPERO

Nem eu me atreveria a dizer o contrário. Apenas gostaria de ver traduzida aqui, por palavras simples e para nossa informação, essa perplexidade.

ELIAS

De um modo geral, o que as pessoas respondem é mais ou menos isto: se eles lá estão a mandar, por alguma razão há-de ser. Ou ter sido, é a outra fórmula também usada.

JUNÍPERO

Ah.

MASSEO

Eles, somos nós que aqui estamos, claro.

RUFINO

Não há outros. Nós é que governamos.

LEÃO

Fabricamos.

JUNÍPERO

Administramos.

GIL

Gerimos.

BERNARDO

Contamos.

MASSEO

Pesamos.

ELIAS

E às vezes dividimos. (*Pausa.*) Uma primeira qualidade de quem chefia é saber quando deve pôr ponto final num debate e chamar a si a responsabilidade da decisão. Tenho, claro está, a minha própria ideia sobre este assunto, mas gostaria de conhecer a vossa. Ainda que muito discutíssemos, não creio que viesse a ser possível chegar a um consenso. Votemos, pois. Porém, permito-me lembrar-vos que, nestes casos, o resultado da votação é meramente indicativo, não me vincula mais do que me consinta a minha própria consciência, considerando a autoridade que me assiste. É um poder que me foi conferido

pelo grau superior de que estou investido. Gil?

GIL

Sobre que vamos votar? Quais são os termos da alternativa?

ELIAS

Tentar melhorar a qualidade, mesmo sendo tão humanamente duvidoso, ou preparar os agentes para que consigam vender melhor o produto tal qual é.

GIL

Voto pelos agentes.

ELIAS

Leão?

LEÃO

Fazer por melhorar a qualidade. Mesmo apenas humanamente falando, ainda não sabemos até que ponto será possível melhorar humanamente. Fui bastante claro, ou devo explicar?

ELIAS

(Desdenhoso)

Estão dispensadas as declarações de voto. Todo o vosso falar, diz a palavra, seja sim sim, não não. Bernardo?

BERNARDO

Que se preparem os agentes.

ELIAS

Junípero?

JUNÍPERO

Que se melhore a qualidade.

ELIAS

Parece haver por aqui quem tenha grande confiança nos aperfeiçoamentos da humanidade e na edificação do mundo. Masseo?

MASSEO

Voto por que se preparem os agentes.

ELIAS

Ficou restabelecido, com o teu voto, o equilíbrio entre os cépticos e os crentes. Três para um lado, três para o outro. Há empate. É a mim que cabe, portanto, decidir. Não irei usar de autoridade, uma vez que me limito a votar como qualquer de vós. *(Silêncio.)*

LEÃO

Estamos à espera.

ELIAS

Supus que não seria necessário expressar o meu voto em voz alta. Seja assim então. A minha opinião é de que se instruam, ou preparem, ou industriem, ou reciclem, os agentes. O verbo fica à escolha, o que conta é o resultado. Tudo pode ser vendido se se conhecer a arte, esta é a regra de ouro. Está encerrada a sessão.

(Levantam-se e despem os hábitos que têm vestidos, aparecendo de fato civil, comum. Vão pendurar os hábitos nos cabides. Fazem, cada um por sua vez, uma rápida reverência ao cabide suspenso. O telex funciona. Elias manipula o teclado do terminal do computador Acena a cabeça, satisfeito.)

ELIAS

Felizmente não temos só más notícias. A carteira de títulos, no conjunto,

valorizou-se em dois por cento de ontem para hoje. *(Pausa.)* Fizemos bom negócio vendendo parte das acções do petróleo. É bem possível que dentro de um mês consigamos comprar igual número delas e arrecadar, na operação, um lucro líquido de alguns milhares de contos.

LEÃO

Que vamos fazer com esse dinheiro? Distribuímos? Investimos?

ELIAS

Na próxima reunião veremos o que mais nos convém. Entretanto pedirei aos serviços que façam um estudo de conjuntura.

(Elias toca uma campainha. Entra uma mulher.)

ELIAS

Podes arrumar isto. A sessão terminou. Manda fazer já a transcrição da gravação, irei precisar dela ainda hoje. Depois trataremos da acta definitiva. *(Para os homens.)* Seria útil que se reunissem imediatamente com os chefes de sector. Não temos tempo a perder. O mais provável é que seja preciso demitir agentes, todos os que não forem recuperáveis, mas abriremos concurso para a entrada doutros, gente nova, sangue fresco. E temos de elaborar os programas de reciclagem, vamos chamar-lhes cursos de actualização, é menos bárbaro e mais convincente. Quando ouço a palavra reciclagem vejo sempre uma bicicleta a passar. *(Os homens saem, a mulher fica.)* Pedro ainda está no gabinete?

PICA

Ainda.

ELIAS

E tu estás nos teus dias de secura. Custar-te-ia muito ser um pouco mais explícita?

PICA

É possível ser ainda mais explícita? Fizeste-me uma pergunta, respondi, que mais querias?

ELIAS

(Impaciente)

Que perdesse, de uma vez, a atitude dum orgulho que já não condiz com o teu estado. Aqui, ninguém tem mais autoridade do que eu. Exijo que essa autoridade seja reconhecida por todos. Quanto a ti, uma vez que não és excepção, pensa o que quiseses, mas guarda as aparências e obedece.

PICA

Não tens mais respeitosos servos...

ELIAS

Não és minha serva.

PICA

... que eu e meu marido. Trabalhamos contigo lealmente, para os mesmos fins. Mas o mal está em ti, se constante mente pareces ver uma sombra ao nosso lado. Às vezes, quando falas comigo, observo que não é em mim que os teus olhos se fixam.

ELIAS

É verdade. Parece-me sempre que vejo alguém a olhar-me por cima do teu ombro. Mas quando falo a Pedro, isso não acontece. Só tu andas acompanhada por um fantasma.

PICA

Por que não te atreves a dizer o nome do fantasma? Tão pouco eloquente és, que a tua língua não sabe dizer Francisco?

ELIAS

Não invoques tal nome, não invoques a pessoa que o usou.

PICA

Nem o seu espírito. (*Melancólica.*) Que faria esta mãe com o espírito do seu filho, se dele o que mais queria seriam as mãos e a boca, e a voz, e o olhar? Nenhum espírito pode pronunciar estas simples palavras: «Bom dia, minha mãe.» Então, mais vale que se deixe ficar lá onde está.

ELIAS

No paraíso. O que quero saber é se Pedro ainda está no gabinete.

PICA

Eu, Pica, chefe das secretárias desta companhia, informo Elias, presidente dela e delas, que Pedro, seu director-geral e homem de confiança, se encontra no gabinete, onde, como de costume, espera ordens.

ELIAS

Se tu não fosses quem és...

PICA

Se eu não fosse quem sou, tu não serias o que chegaste a ser. Já pensaste que, por esta maneira, também sou tua mãe? E que, portanto, é o teu próprio irmão que te olha por cima do meu ombro?

ELIAS

Daria muito para ver-me livre de ti, ou dominada.

PICA

Serias capaz de expulsar-me? Serias capaz de matar a tua mãe, irmão do meu filho?

(Elias sai violentamente. Pica arruma as cadeiras, tapa o terminal do computador, vai compor as pregas dos hábitos pendurados nos cabides. O

telex funciona. Pica, como quem emenda um esquecimento, faz uma reverência ao cabide suspenso. Sai. Entra Francisco. Traja à civil, roupa comum, de época indefinível. Vê-se que nunca esteve aqui.

Olha os móveis, os objectos, as máquinas. Não faz reverência ao cabide suspenso, olha-o mesmo com estranheza, como se o não reconhecesse. Observa e toca nos hábitos. Veste um deles, contempla-se a si próprio, abre os braços em cruz. Aproxima-se da mesa. Senta-se na cadeira que antes estivera ocupada por Elias. Mexe no gravador. Ouve-se a última parte da gravação.)

ELIAS

Felizmente não temos só más notícias. A carteira de títulos, no conjunto, valorizou-se em dois por cento de ontem para hoje. Fizemos bom negócio vendendo parte das ações do petróleo. E bem possível que dentro de um mês consigamos comprar igual número delas e arrecadar, na operação, um lucro líquido de alguns milhares de contos.

LEÃO

Que vamos fazer com esse dinheiro? Distribuímos? Investimos?

ELIAS

Na próxima reunião veremos o que mais nos convém. Entretanto pedirei aos serviços que façam um estudo de conjuntura.

PICA

(Entrando)

Voltaste? Esqueci-me do gravador. *(Francisco tem os cotovelos assentes na mesa, apoia a cabeça nas mãos.)* Estás doente? Parece que ficaste incomodado com a conversa, Elias.

FRANCISCO

(Levantando a cabeça e olhando em frente)

O meu nome não é Elias.

PICA

(Vem do fundo, confundida)

Que voz é esta? Esta é a voz de...

FRANCISCO

(Sob o capuz)

Diz o nome.

PICA

Não sou capaz. É impossível...

FRANCISCO

Diz o nome. Diz o nome. Pode ser que apareça a pessoa.

PICA

Francisco.

FRANCISCO

Apareceu. Eu sou esse. *(Levanta-se.)*

PICA

Francisco.

FRANCISCO

Bom dia, minha mãe.

PICA

És tu, e não podes ser tu. Não te vi morto, mas um dia foram-me dizer que tinhas morrido.

FRANCISCO

Foi tanto o tempo que passou que até tu já não deverias ser deste mundo. Se eu não me espanto, não te espantes tu, mulher. E agora? Deixaram as mães de abraçar e beijar os filhos reencontrados?

PICA

A mesma pergunta se deverá fazer aos filhos quando reencontram as mães. (*Abraçam-se.*) Mas talvez eu não devesse abraçar-te.

FRANCISCO

Porquê?

PICA

Tu não és um comum mortal.

FRANCISCO

Que sou então? Um mortal raro, ou um imortal comum?

PICA

Cresceste muito, mal te reconheço. Não tenho braços que cheguem para ti.

FRANCISCO

Nunca os tiveste suficientes. E não por ser eu grande, mas por ser curto o amor.

PICA

Amei-te como se ama um filho.

FRANCISCO

Não podes saber como se ama um filho. Apenas soubeste como amaste este filho. E talvez nem sequer isso tenhas sabido.

PICA

Seria esta a ocasião de perguntar se amaste os teus pais.

FRANCISCO

Claro que amei. Quanto em mim podia caber. Depois detestei meu pai. Acaso não chegou a ser ódio, porque mal nunca lhe quis. Mas foi desespero. Não lhe pedia mais do que compreensão, ao menos aceitação, e nem isso me deu. Melhor é que não falemos de amor, querida mãe.

PICA

Teu pai está aqui.

FRANCISCO

Se tu estás, por que não estaria ele?

PICA

É director-geral.

FRANCISCO

Que quer dizer isso? Dirige as consciências? Aponta a direcção? Director-geral é o mesmo que superior?

PICA

Não, o superior é Elias, mas agora não lhe damos esse nome. Chamamos-lhe presidente. Presidente da companhia.

FRANCISCO

Presidente não me parece mal, e companhia parece-me bem. Uma companhia forma-se de companheiros, a própria palavra o está a dizer.

PICA

Certas palavras perderam os seus significados. Entretanto não faltam por aí significados que mudam todos os dias de palavras ou que as usam como se pusessem disfarces.

FRANCISCO

Quem mais cá está?

PICA

Todos. Gil e Bernardo, Masseo e Junípero, Leão e Rufino. E os agentes, que não conheces. Vieram depois.

FRANCISCO

Que fazem esses...?

PICA

Agentes. Andam pelo mundo, a vender. É o ofício deles.

FRANCISCO

Dantes não vendíamos.

PICA

Isso era dantes. Agora vendemos. Vendemos tudo, até aquilo que poderíamos dar de graça: esperança, fé, caridade.

FRANCISCO

Não há mais ninguém?

PICA

Há. Inês, Jacoba. E Clara. Fazem todo o trabalho de expediente. São secretárias, dactilógrafas, arquivistas. Eu dirijo-as.

FRANCISCO

É justo, tens experiência de criados. E o director-geral, esse que dentro de ti me engendrou, que extraordinária ideia foi a sua, sendo homem rico, de juntar-se a uma companhia de pobres?

PICA

Estás enganado. A companhia não é pobre.

FRANCISCO

Eu fi-la para ser pobre. Ou crês que a teria feito para ser rica?

PICA

As coisas já não são o que eram. Houve muitas mudanças, e nem todas elas estão à vista. Algumas nunca saem daquele cofre. São as que convém manter em segredo.

FRANCISCO

Segredo é o mesmo que mistério?

PICA

Chama-lhe como quiseres. As palavras, dentro da companhia e na língua da companhia, só têm a importância que tiver aquele que as disser. Algumas palavras, por não serem usadas, não têm nenhuma importância, ou, quando o sejam, variam entre o tudo e o nada, conforme a oportunidade e a vantagem.

FRANCISCO

A cruz. Por que tem aquele feitio?

PICA

Não é uma cruz. É um cabide. Ainda conserva certas parecenças com uma cruz, mas até uma criança perceberia que se trata dum cabide.

FRANCISCO

Por que é que está de braços caídos? É defeito da madeira? Puseram-lhe peso a mais? Pelo jeito, deve ter sido isso.

PICA

Suponho é que já não as sabem fazer doutra maneira.

FRANCISCO

Doutra madeira?

PICA

Doutra maneira.

FRANCISCO

Então, a companhia enriqueceu, está rica?

PICA

Sim.

FRANCISCO

Muito rica?

PICA

Tão rica que não seria possível contar o dinheiro que tem. (*Pausa.*) Mas está aí o terminal do computador que te poderá informar, se souberes mexer nele e conheceres o programa. Eu não conheço, apesar de ser chefe de escritório e mulher do director-geral.

FRANCISCO

(*Impulsivamente*)

Vai-me chamar Elias.

PICA

Porquê esse tom? Que queres fazer?

FRANCISCO

Não é da tua conta. Não pertences à companhia.

PICA

Pertenço, oh, se pertenço. Nem imaginas a que ponto. Vivo dela.

FRANCISCO

Vai-me chamar Elias.

(Pica sai. Francisco volta-se para o cabide suspenso, abre outra vez os braços, hesitante, como se estivesse comparando. Entra Elias. Pica entra também, para sair logo.)

FRANCISCO

(Para Pica)

Peço-te que saias. Se precisar dos outros...

ELIAS

Aqui não podes dar ordens, Francisco. Não te esperávamos, mas és bem-vindo. As nossas portas estarão sempre abertas para ti, porém, ordens não as podes dar.

FRANCISCO

Invoco a regra, apelo para a obediência.

ELIAS

São palavras vãs. Falta-te a autoridade para usá-las. A regra é outra, da obediência decido eu. Donde vieste? Não me parece que seja este o teu lugar.

FRANCISCO

Fundei esta...

ELIAS

Esta, quê?

FRANCISCO

Esta companhia, se assim lhe chamam agora.

ELIAS

O que fundaste não tem qualquer semelhança com o que existe hoje. O mundo mudou enquanto estiveste ausente. E tu és ingénuo se esperavas encontrar aquele quase nada que fomos, aquela infimaporção.

FRANCISCO

O mundo mudou porque nós não soubemos mudar doutra maneira o mundo. Agora teremos de mudar-nos a nós próprios para que o mundo possa ser mudado.

ELIAS

Nós, quem?

FRANCISCO

A companhia. Tu. Todos.

ELIAS

Eu não mudarei. E a tua vontade, é bom que o vás compreendendo já, não é suficiente para mudar a companhia. Não vou ao ponto de te dizer que sou a companhia, digo-te apenas que não podes mudar a minha vontade.

FRANCISCO

Queres mandar, ter o poder.

ELIAS

Não quero o poder, tenho-o já, e conservo-o. Porque sou aquele que aprendeu a servir, não o poder que é e que tem, mas a simples ideia de poder.

FRANCISCO

Obedece-me.

ELIAS

Não obedeco.

FRANCISCO

Obedece.

ELIAS

Que farias da minha obediência se eu ta desse? Ocuparias o meu lugar? Passarias a mandar? É isso que queres?

FRANCISCO

A companhia nasceu para ser pobre, e pobre deve voltar a ser. Não tenho outra aspiração.

ELIAS

A companhia dispõe de bens, recebe legados, administra e faz render o dinheiro, investe em sectores produtivos. Em tais condições, achas que é possível empobrecer por capricho ou vontade? Ignoras que a riqueza tem a sua lógica própria, se não é antes uma espécie de fatalidade ou de necessidade orgânica que a faz crescer?

FRANCISCO

Ouvi umas palavras naquela máquina. Duas vozes.

ELIAS

Uma é a minha. A outra é de Leão.

FRANCISCO

Foi ele quem falou em distribuir o dinheiro?

ELIAS

Garanto-te que não fui eu. Leão continua a ser o inocente sonhador que conheceste.

FRANCISCO

A minha alma alegra-se com isso. Faremos o que propôs Leão. Mas não apenas essa parte dos bens. Distribuiremos todas as riquezas da companhia.

ELIAS

A quem?

FRANCISCO

Aos pobres. A quem mais poderia ser?

ELIAS

Se entregarmos tudo quanto temos, ficaremos mais pobres que os pobres.

FRANCISCO

Então será como nascer outra vez. No instante do nascimento todos somos iguais em pobreza. Vimos ao mundo nus, fracos, inocentes.

ELIAS

Por que vidas, por que mundos tens andado que esqueceste o pecado original? Leão é inocente, mas não nasceu inocente. Porém, não quero discutir contigo dogmas ou pontos de doutrina.

FRANCISCO

Repito que somos iguais. Nascemos nus.

ELIAS

Se olhasses com atenção perceberias a diferença que há entre a nudez de um pobre e a nudez de um rico. Tu próprio foste rico. Compara o que és com o que foste.

FRANCISCO

Do que fui, envergonho-me, mas o que fui está morto. (*Pausa.*) Afastaste-me do assunto. Insisto. A companhia foi fundada por mim, tenho sobre ela autoridade.

ELIAS

E eu fui eleito para as funções que desempenho. Essas funções conferem-me autoridade sobre ti, se pretendes voltar para nós.

FRANCISCO

Tenho uma autoridade moral.

ELIAS

Acata-se a autoridade moral quando ela não esteja em contradição com a autoridade material e possa servir de caução aos interesses que a fundamentam. Desculpa-me por usar uma linguagem a que os teus ouvidos certamente não estão habituados. Direi doutra maneira: não queres ou não podes compreender que o que está agora em causa são os interesses materiais de uma entidade, digamos, ainda espiritual, mas não apenas espiritual. Não te salvas se não entendes isto.

FRANCISCO

Precisamente para me salvar foi que me fiz pobre.

ELIAS

Falamos de salvação diferentes. E eu, afinal, sou mais humilde do que tu, Francisco. Sim, eu sou capaz de ver o céu, mas está alto de mais para que lhe possa chegar. Somos desgraçados, carregados de vícios, de crimes, de horrores. Por isso não esperamos mais que salvar-nos na terra, esta, que está entre paraíso e inferno.

FRANCISCO

Basta de conversa. Exijo que se reúna o capítulo.

ELIAS

Também já não lhe chamamos assim. Mas, para o caso, tanto faz. Com o tempo, aprendemos a não dar às palavras excessiva importância, às vezes nem a que merecem. Queres uma reunião, não é? Tê-la-ás, embora eu pudesse permitir-me recusar a exigência. Por não teres direito, só por não teres direito. Enfim, és o fundador, há que levar isso em consideração.

(Francisco está deitado, vestido. A cena sugere um quarto, mas pode ver-se o cabide grande. Ouve-se bater à porta.)

FRANCISCO

(Sentando-se)

Entre.

CLARA

(Entrando)

Tanto tempo ausente, ainda te lembrarás de mim? Que tinhas morrido, que já não pertencias a este mundo, que andavas em colóquio com os anjos eloquentes nas alamedas do paraíso, e de repente apareces sem avisar, entras e dizes «aqui estou». Se tens um coração de ferro, bom proveito. O meu fizeram-no de carne, e sangra todo o dia.

FRANCISCO

(Levantando-se)

Mas não vieste a correr ver-me.

CLARA

Também tu não me procuraste a correr. Claro, é mais próprio e mais bonito uma mulher a correr para um homem, mas eu tinha de acabar o último relatório do director-geral.

FRANCISCO

Não escreverá outro.

CLARA

Que ideia! Enquanto viver, Pedro escreverá relatórios após relatórios. Neste momento, provavelmente, o último já se tornou penúltimo.

FRANCISCO

Talvez esse seja o derradeiro. Não precisamos de director-geral. Já compreendi que houve mudanças. Outras haverá. E a primeira delas será demitir Pedro. Onde eu estiver não pode estar meu pai.

CLARA

Duvido que consigas pô-lo fora. Pedro e Elias são mão esquerda e mão direita.

FRANCISCO

Vou tomar o lugar de Elias. Tão cedo se reúna o capítulo. Com levantar-se um homem e sentar-se outro se apagarão erros e mentiras.

CLARA

Nunca ouvi que causa tão simples pudesse produzir tão grandes efeitos.
(*Pausa.*) Nem me disseste se te deu contentamento ver-me.

FRANCISCO

Não me daria maior contentamento ver outra pessoa.

CLARA

Não parece.

FRANCISCO

A regra não mo permitiria, mas hoje é o dia da minha chegada. Só por isso sou capaz de te dizer que estás muito bonita. É a primeira vez. Nem naqueles tempos passados, quando, pensando em ti, o corpo me atormentava, nem então te disse que eras bonita. E só eu sei quanto me custou calar-me, que para castigar o corpo e afastar o demónio me deitava a rolar sobre espinhos ou me atirava para um buraco de neve.

CLARA

Aqui não encontrarás neve nem espinhos.

FRANCISCO

meu corpo está tranquilo.

CLARA

meu sempre o esteve.

FRANCISCO

Afortunada. Ou terás perdido a memória, quem sabe? A minha não pode ajudar-te a recordar, nunca fui teu confessor.

CLARA

Mesmo a confessores não se declara tudo. Afasta-te de mim.

FRANCISCO

Porquê?

CLARA

Porque o teu corpo já não está tranquilo e o meu se inquietou de repente.

FRANCISCO

Saberá de ti o teu corpo, mas do meu, como soubeste?

CLARA

ar moveu-se.

FRANCISCO

Clara.

CLARA

Não digas o meu nome. Deve-se ter muito cuidado com os nomes das pessoas. Chama-se por um nome, e ele leva consigo a pessoa que o usa, mesmo não querendo ela.

FRANCISCO

Feitiçarias, superstições.

CLARA

Francisco.

FRANCISCO

Que é isto? Fizeste-me estremecer.

CLARA

Foi o teu nome que te sacudiu e empurrou. Se eu te chamasse outra vez, virias para mim. Lembra-te: não cai neve dentro desta casa, e os espinhos não crescem aqui. (*Pausa.*) Acreditas, realmente, que virás a tomar o lugar de Elias?

FRANCISCO

Claro que acredito. Deixa que o capítulo se reúna, e verás. Não por mim, mas pela razão que tenho.

CLARA

Não é capítulo.

FRANCISCO

Não é, mas voltará a ser. Tudo voltará a ser como foi.

CLARA

Como foi, quando?

FRANCISCO

No princípio.

CLARA

Quando foi o princípio?

FRANCISCO

Quando, para sempre, decidi ser pobre. Quando por ti própria o decidiste também.

CLARA

Um minuto depois de o termos decidido, tu e eu, já deixara de ser princípio. Só não têm fim as coisas que não chegam a começar. Que vais fazer se conseguires destituir Elias do seu cargo, das funções para que foi escolhido? Não creio que tenhas competência para administrar a companhia, desenvolvê-la, fazê-la prosperar.

FRANCISCO

Está fora das minhas intenções desenvolver a companhia. Para o que quero fazer dela bastará a minha incompetência. A companhia continuará, mas pobre.

CLARA

Para quê?

FRANCISCO

Para que viva segundo a sua vocação.

CLARA

A tua vocação.

FRANCISCO

A vocação que foi minha e se tornou comum a todos nós. Lembra-te da pureza, do entusiasmo dos primeiros dias, quando nos lançávamos nos braços da pobreza e encontrávamos nela a alegria mais perfeita, essa espécie de santidade que nos enchia de júbilo, até ao êxtase.

CLARA

Lembro-me de tudo isso, mas olha que sofremos muito, Francisco.

FRANCISCO

Ninguém chega ao céu se não for pela estrada do sofrimento.

CLARA

Eu nunca cheguei ao céu. Chegaste, tu?

FRANCISCO

Não sofri o suficiente. Acaso me falta uma última prova, acaso ainda me espere a primeira. Um dia vencerei, venceremos um dia, e então ficará o sofrimento vencido. Seremos alegres como crianças.

CLARA

Tu não conheces as crianças de agora. Provavelmente não há maior tristeza que a duma criança. É certo que riem, brincam, nas é tudo um jogo. A mim não me enganam, por mais que disfarcem.

FRANCISCO

Perdeste a fé. Ouvirias Deus nesses risos se a não tivesses perdido.

CLARA

E tu conserva-la porque tens estado longe.

FRANCISCO

E tu perto de mais. Também enriqueceste. Até os teus cabelos são de ouro. Deixaste-os crescer, és rica.

CLARA

Foste tão pobre que nem sequer és capaz de imaginar um rico. O tempo mudou para os pobres, mas muito mais mudou para os ricos.

FRANCISCO

Sou apenas um pobre.

CLARA

E eu apenas sirvo a riqueza.

FRANCISCO

Vou defrontar-me com Elias. Será uma guerra.

CLARA

Elias não te quer mal. Pertence a outro tempo. As eras mudam, o falar não é o mesmo, hoje nem o amor seria capaz de entender o amor.

FRANCISCO

Espero que fiques do meu lado, se as opiniões se dividirem.

CLARA

As mulheres não têm voz no capítulo dos homens. A minha opinião de nada te servirá. Como provavelmente de nada te serve dizer-te que já perdeste a tua guerra antes de a começares.

FRANCISCO

Serás obrigada a dizer o contrário quando eu me sentar na cadeira de Elias. Ainda não respondeste à minha pergunta.

CLARA

Qual?

FRANCISCO

Se ficarás do meu lado.

CLARA

Ficarei do teu lado, ao teu lado, foi sempre aí que estive, mesmo quando não sabia de ti. Por favor, por favor, diz o meu nome.

FRANCISCO

Clara. *(As luzes baixam enquanto se aproximam um do outro. Escuridão quando se vão tocar.)*

(Sala das reuniões. Entram Pica, Clara, Inês e Jacoba. Executam os movimentos de quem prepara as coisas para a reunião. Colocam-se ao lado das cadeiras que irão ocupar e donde apenas se levantarão para atender qualquer solicitação. Entram, por esta ordem, Gil, Bernardo, Masseo, Rufino, Junípero e Leão. Esperam de pé, atrás das respectivas cadeiras. Entram Elias e Pedro.)

ELIAS

(Para os homens)

Sentem-se, por favor. *(Para Pica.)* Vai chamar Francisco. *(Para as outras mulheres.)* Podem sentar-se.

PEDRO

Preferiria não estar aqui. Encarar com ele é mais do que podem aguentar as minhas forças.

ELIAS

És o director-geral. Em questão desta importância não dispenso a tua presença. Nem o teu conselho.

PEDRO

Julguei que nunca mais o veria.

ELIAS

Também eu. Mas o que tem de ser continua a ter tanta força como tinha antes. Não é saudável ignorar o que tem de ser. Francisco resolveu voltar. Muito bem. A nós compete-nos lutar contra ele e vencê-lo. Depois dir-se-á da nossa vitória o que é costume: tinha de ser.

PEDRO

(Apontando disfarçadamente os outros homens) Desconfio de alguns deles. Tem cuidado.

ELIAS

(Sorrindo)

O meu princípio é desconfiar de todos.

(Francisco entra, seguido de Pica. Vai primeiro saudar Inês e Jacoba,

toca com os dedos o rosto de Clara, depois vira-se para os homens. Finge que não vê Pedro. Espera.)

ELIAS

O nosso companheiro Francisco, após uma longa ausência que geralmente lamentámos, veio visitar a companhia. Em nome de todos dou-lhe as boas-vindas. E, honrando a sua qualidade de fundador, convido-o a ocupar a cadeira principal durante o tempo desta cerimónia. *(Para Pedro.)* Sentemo-nos nós aqui.

CLARA

(Em aparte)

Não precisaste de lutar para teres a cadeira que querias. Começou já a tua derrota. Mais cedo do que imaginei.

FRANCISCO

(Dá mostras de contrariedade, mas senta-se)

Obrigado. Primeiramente, saúdo os companheiros que estão sentados a esta mesa. Saúdo-os a eles, a ninguém mais, ainda que a outra pessoa tenha sido dito que se sentasse. *(Pedro agita-se, furioso.)* Saúdo minha mãe, saúdo Jacoba, que me recebia em sua casa quando, nos tempos passados, eu tinha de ir a Roma tratar dos nossos assuntos, saúdo Clara e sua irmã Inês. *(As mulheres levantam-se quando são nomeadas.)* Se mais alguém aqui se encontra, não conheço. Decerto saudaria meu pai, quem o duvida, mas o único pai que tenho é o que está no céu, e a esse tenho outro modo de exprimir a minha reverência, não com as gastas e costumadas palavras do comércio humano.

PEDRO

(Arrebatado)

Morto fosses outra vez, se a esta escapaste.

FRANCISCO

Quando, para me entregar à pobreza, renunciei à minha herança, também renunciei a um pai que nada mais tinha para dar-me que esses bens de vaidade. Para ele, herança e filho eram o mesmo. Porque o filho não quis a herança, a herança deixou de querer o filho. Ouçam a palavra do dinheiro: «Para me seguirdes deixarás aqueles que me não adorem, ainda que teus filhos sejam.» Eu, companheiros, sou o filho deixado.

PEDRO

Mas não podes imaginar a que ponto o vais ficar. Serás expulso, apagar-se-á de ti a última lembrança.

ELIAS

Calma. (*Para Francisco.*) Não te cedi o meu lugar para que insultasses o director-geral da companhia, pessoa da minha amizade e confiança. Diz-nos o que tens a dizer, sem outras divagações.

FRANCISCO

Saúdo-te a ti, Masseo, com quem, naqueles gloriosos dias, fiz tantas caminhadas ao sol e à chuva, a ti, Leão, a quem sempre pude confiar-me e confessar-me, a ti, Rufino, que a nada estimavas tanto como viver em contemplação, a ti, Gil, viajante infatigável, incansável apóstolo, a ti, Júnipero, a quem chamávamos meio tonto porque tudo davas, fosse teu, ou não, a todos vos saúdo, com todos queria alegrar-me. (*Pausa.*) Porém, não vejo aqui a irmã pobreza, não sei onde se terá escondido, de vergonha, a caridade. Quereis ajudar-me a encontrá-las? (*Silêncio.*) Que é isto a que hoje dais o nome de companhia? É possível que haja companhia e não haja companheiros? Por que foi que vos desviastes do caminho? Por baixo desse traje que parece de pobre, que roupas tendes? E, se estais nus por baixo dele, poderia eu confundir-vos com um pobre?

BERNARDO

Também não é de pobre a tua roupa.

FRANCISCO

Esta roupa é emprestada. Qualquer um me pode tirar o que trago vestido.

Não tenho nada que me pertença. Lembrai-vos da palavra: «Não queirais possuir ouro, nem prata, nem dinheiro em vossa bolsa, nem alforjes, nem duas túnicas, nem sapatos, nem bordão.»

MASSEO

O mundo mudou, os tempos mudaram.

FRANCISCO

Isso me têm dito. Mas quando tu escolheste ser pobre já havia riqueza no mundo. E não a procuraste nem quiseste. Não te desculpes, pois, com a mudança dos tempos. É o mesmo que desculpar-se com a morte para não ter de viver.

GIL

Hoje, só com riqueza se pode combater a riqueza.

FRANCISCO

Não vim aqui para te ofender, Gil, mas essas são as palavras da hipocrisia. A não ser que consigas demonstrar-me que a companhia, ao tornar-se rica, ficou mais pobre. Ter não é igual a não ter.

ELIAS

O nosso tempo e as nossas pessoas estão ao teu serviço, Francisco, mas é teu dever ser breve. Retribuirás assim, discretamente, a caridade com que te recebemos e estamos ouvindo. As obrigações chamam-nos, não podemos fazê-las esperar.

FRANCISCO

Em mim sempre encontraram os companheiros quem os escutava com atenção e amor. Paguem-me hoje na mesma moeda, se não com amor igual, ao menos com atenção suficiente.

ELIAS

Continua.

FRANCISCO

Multiplicaram-se os erros. O recto pensar e o recto proceder foram retorcidos. Chegou, portanto, a hora de voltar ao que fomos. Restabeleçamos a regra, regressemos à candura do princípio e à claridade dos princípios. Amanhã será demasiado tarde.

RUFINO

Regra, temo-la.

FRANCISCO

Se é ainda a que vos dei, não creio que a pratiqueis. Basta-me olhar em redor, ver aqueles braços derrubados. (*Aponta o cabide suspenso.*)

BERNARDO

Tu próprio nos darias hoje outra regra.

FRANCISCO

Admito. Mas, qualquer que fosse, escrita ontem, hoje ou amanhã, uma coisa não lerias nela: enriquecei, irmãos, para poderdes entrar no paraíso do céu.

LEÃO

Nós não somos ricos. A companhia, sim.

FRANCISCO

Estranho caso, esse, querido Leão. Vós, que sois as partes, mantende-vos pobres, mas o todo, que é a companhia, composto pelas partes que vós sois, tornou-se rico. Porém, que eu me lembre, da soma das nossas antigas pobrezaas não soubemos fazer uma riqueza. Ou nos faltava o talento para amontoar dinheiro, ou sobejava-nos a verdadeira humildade.

JUNÍPERO

É verdade que então eu dava tudo, tanto fazia que fosse meu ou pertencesse a outra pessoa. Lembro-me da história das campainhas de prata...

FRANCISCO

Apareceu-te uma velha muito velha a pedir esmola, e como não tinhas ali mais nada à mão, foste às campainhas do altar e resolveste a dificuldade. Não faziam falta nenhuma, disseste, e tinhas razão. Em verdade, de que servem campainhas de prata se alguém tem fome diante delas?

JUNÍPERO

E à velha fizeram grande jeito, coitada. Mas depois repreendeste-me em capítulo, como estás a fazer agora.

FRANCISCO

Pela razão contrária. Porque não queres dar.

JUNÍPERO

Repreendido porque dei, repreendido porque não dou. Não é fácil satisfazer-te. Que queres tu que façamos, afinal?

FRANCISCO

Que voltemos a ser como fomos. Mesmo que tenha de vir a repreender-te outra vez por teres dado. Os erros que cometermos serão erros de quem nasce, não de quem morre. Reconsideremos tudo. Examinarei convosco...

PEDRO

(Com violência)

Se estás a pensar em meter o nariz nas contas, tira daí o sentido. Nos meus livros ninguém mexe sem autorização minha e ordem de Elias.

FRANCISCO

Para ti, livros são apenas os de contas.

PEDRO

E para ti, de orações.

FRANCISCO

Só olharei os teus livros quando neles pudermos escrever um zero final. Entretanto, guarda-os, com o mesmo rancor e a mesma ganância com que os vais escrevendo. Queira Deus, para teu sossego de alma, se apesar de tudo a conservas, que nunca tenhas falsificado os balanços, como fizeste com o meu nome, trocando o João que eu era pelo Francisco que tenho de ser.

PICA

Não foi o teu pai. Eu é que te dei o nome de Francisco por ser de França a minha família.

PEDRO

Fui eu. Por causa dos bons negócios que com a mesma França ia fazendo. Como vês, sou uma pessoa capaz de gratidão. Tanto como tua mãe, ainda que por diferentes razões. Ela lembrou-se da terra donde veio, eu lembrei-me do dinheiro que ganhava.

FRANCISCO

Por muito que te esforçasses, não conseguirias ter outros pensamentos. Ficai nesse debate. É João o meu verdadeiro nome, mas para vós continuarei a ser Francisco. Porque a Francisco deveis obediência.

ELIAS

João, ou Francisco, ou lá quem és, obrigas-me a repetir que ninguém aqui te deve obediência. Qualquer um dos que estão sentados a esta mesa tem mais autoridade do que tu. Mesmo Pedro, que é só director-geral, um funcionário, te poderia mandar sair. Até as mulheres, apesar de estarem fora da hierarquia. É verdade que regressaste, mas não foste readmitido, nem como Francisco nem como João. Não me obrigues a tratar-te como a um intruso.

FRANCISCO

(Para os antigos companheiros)

Apelo para vós, votai. Ponho nas vossas mãos o destino da companhia e o meu. Levanto-me desta cadeira, onde enganado me sentei, sem ver que era uma armadilha, e se a ela voltar será por vossa expressa vontade, com os meus direitos restabelecidos e a força da vossa própria convicção.

ELIAS

Tu não conheces os limites do meu poder, Francisco. Talvez nem mesmo eu os conheça. Ainda que a decisão te fosse favorável, nada me obrigaria a acatá-la imediatamente. Não imaginas o que se pode fazer jogando com oportunidades e conjunturas, com prazos e recursos, com ressalvas e interpretações.

FRANCISCO

Não poderás, diante de nós, enganar os números.

ELIAS

Não te esqueças de que em caso de empate disponho de um voto de qualidade.

FRANCISCO

Sendo parte na demanda, é teu dever renunciar a ele. Não insultes mais a justiça.

ELIAS

(Tendo reflectido)

Muito bem. Concedo. Quero ver aonde conseguirás chegar.

FRANCISCO

E que a votação seja secreta.

ELIAS

(Hesita um segundo, olha os membros do conselho)

De acordo. *(Para Pica.)* Corta seis pedaços de papel iguais.

(Todas as mulheres se levantam. O telex começa a funcionar. Pedro vai ver, regressa sorridente.)

PEDRO

A tendência para a alta mantém-se. *(Com um riso escarninho.)* Em cada minuto que passa vamos sendo mais ricos. Não se pode evitar. Quando o dinheiro resolve fazer dinheiro não há nada que o segure.

PICA

Aqui tens os papéis. *(Entrega-os a Elias.)*

ELIAS

(Distribuindo)

Deverão escrever ou o meu nome, ou o de Francisco.

(Os membros do conselho escrevem. Depois vão dobrando os papéis. Pedro recolhe-os, entrega-os a Pica. Esta passa-os a Clara, que os desdobra e lê.)

CLARA

Elias. Elias. Elias. Francisco. Francisco. Elias.

PEDRO

(Exultando)

Perdeste. Dobra a tua manta e volta aos caminhos do mundo. Vai pregar a pobreza aos pobres. Some-te da minha vista, não tornes mais aqui. Talvez seja por não poder amar-te que te odeio. Desaparece, criatura.

ELIAS

Silêncio. *(Para Francisco.)* Foste vencido. Fez-se tudo como pediste, e foste vencido. Quiseste uma reunião geral, tiveste-a. Quiseste uma votação secreta, tiveste-a. Não te podes queixar. Deves retirar-te. Não te queremos.

FRANCISCO

Ainda não. Agora peço humildemente que me readmitam, peço a minha readmissão na companhia. Como simples agente. Não me podem recusar.

(Surpresa geral. Pedro fala precipitadamente com Elias, que faz gestos a pedir calma. Os companheiros murmuram entre si, as mulheres também. Clara aproxima-se de Francisco. Faz-se silêncio.)

ELIAS

(Para Clara)

Volta para o teu lugar. *(Pausa.)* O fundador não pode entrar como um simples agente. Proponho que seja votada a sua readmissão, com acesso directo a este conselho e todos os direitos inerentes.

PEDRO

(Em voz baixa)

Estás doido. Metes a raposa no galinheiro.

ELIAS

(Em voz baixa)

O dono do galinheiro vigiará a raposa. *(Alto, para as mulheres.)* Mais seis papéis. *(Para Francisco.)* Se o resultado for desfavorável para ti dás-me a tua palavra de que te afastarás?

FRANCISCO

Dou.

ELIAS

Sem nenhuma reserva mental?

FRANCISCO

Sem nenhuma reserva mental.

(Os companheiros escrevem. Pedro recolhe os papéis, entrega-os a Pica. Esta passa-os a Clara, que vai ler.)

CLARA

Sim. Não. Não. Sim. Não. Sim.

ELIAS

(Surpreendido)

Três votos a teu favor, três votos contra. Que achas que devemos fazer contigo depois deste resultado? O conselho está dividido.

FRANCISCO

Tens voto de qualidade, usa-o.

ELIAS

Agora pões o teu destino nas minhas mãos? Estás a desafiar-me.

FRANCISCO

Não podes fugir.

ELIAS

Não fugirei. *(Pausa.)* Voto a teu favor.

FRANCISCO

Não tinhas outra saída.

ELIAS

Pois não. (*Dirige-se aos outros.*) Reunir-nos-emos amanhã. Teremos de decidir sobre novos investimentos, mas a questão principal será a preparação dos agentes. Francisco estará connosco. Graças a ele terei de recorrer menos vezes ao voto de qualidade. Aliás, nunca mais, a não ser que um de vós falte ao conselho, por doença ou outro motivo de força maior. (*Para Francisco, apontando a cadeira em que estivera sentado Pedro.*) Esta é a tua cadeira. (*Para Pedro.*) Entregarás a Francisco um hábito e mandarás pôr ali mais um cabide.

PEDRO

Antes o poria a ele numa cruz.

ELIAS

Não deves perder o sentido das proporções, Pedro. Um cabide é quanto basta. Por que teria Francisco mais do que nós? Vamos.

(*Saem Elias, Pedro e os membros do conselho. Ficam Francisco e as mulheres.*)

JACOBA

Não acredito que possas fazer voltar as coisas ao que foram, a vida não anda para trás, mas ao menos estarás connosco. Tenho pena é de não te poder ajudar. Pouco valho aqui dentro.

FRANCISCO

Já é muito que me conserves a tua amizade, Jacoba. Ainda que venhas a estar contra mim.

(*Sai Jacoba.*)

INÊS

Tens de descobrir quem são os teus inimigos, quem esteve contra ti na votação.

FRANCISCO

Primeiro, Inês, preciso saber quem são os meus amigos.

(Sai Inês.)

PICA

Entre ti e teu pai, que vou eu fazer?

FRANCISCO

Sabê-lo-ás quando chegar a hora de escolheres. Por enquanto não te metas entre nós, seria o mesmo que estares posta entre o martelo e a bigorna. *(Sai Pica.) (Francisco para Clara.)* Então, que tens a dizer-me? Reconheces que venci?

CLARA

Não, Francisco. Porque a verdade é que perdeste. *(O telex começa a funcionar.)* Vamos embora daqui. Vou contigo para onde fores.

FRANCISCO

Não irei enquanto não for inteira a vitória. E então só terei razões para ficar.

CLARA

Sempre perderás alguma coisa. Talvez só comeces a ganhar quando tiveres perdido tudo.

FRANCISCO

Tudo?

CLARA

Tudo, não. Eu sou a tua única e definitiva vitória.

(Gabinete de trabalho de Pedro. Pica recebe instruções.)

PEDRO

Esta parte será dactilografada por Inês, esta por Jacoba, esta por Clara. Durante o trabalho deverás estar presente, proibirás qualquer conversa ou simples observação sobre as questões aqui tratadas. Se tiveres de ausentar-te, recolherás e guardarás, fechadas à chave, todas as folhas, que só devolverás quando regressares. Estas ordens são escritas, não admitem excepções, sejam quais forem os pretextos e as pessoas que os invoquem.

PICA

Este não é o primeiro relatório confidencial que mandas fazer, mas nunca com tantas precauções. Não posso impedir que as dactilógrafas se encontrem depois para reconstituir, de memória, e ligar entre si as diferentes partes.

PEDRO

Para o conseguirem precisariam de ter uma memória nada menos que prodigiosa. Repara nas folhas, a numeração. Vê as de Inês, por exemplo.

PICA

Um, quatro, sete, dez...

PEDRO

E Jacoba tem a dois, a cinco, a oito, a onze... E Clara a três, a seis, a nove, a doze... Assim sucessivamente, com intervalos de três páginas. Não é difícil imaginar a confusão que reinará naquelas aéreas cabecinhas quando chegarem ao fim do trabalho.

PICA

É urgente?

PEDRO

Para mim, que sou escravo dos meus deveres, tudo é urgente. Quero esse relatório amanhã de manhã. Se for preciso, façam serão.

PICA

Terás o teu relatório. (*Afasta-se, mas volta atrás.*) Pedro, agora o Francisco veio para nós...

PEDRO

Para ti, talvez, não para mim. Não quero ouvir esse nome nem falar dessa pessoa.

PICA

Não o poderás evitar. É membro do conselho, portanto teu superior, terás de tratar com ele dos assuntos da companhia.

PEDRO

Já pedi a Elias que lhe atribuisse responsabilidades que não interfiram com o meu campo de acção.

PICA

És o director-geral, tudo tem que ver contigo.

PEDRO

Abdico de parte da minha autoridade. Não posso evitar vê-lo e ouvi-lo, mas vou fazer de conta que não o vejo nem ouço. Elias fez muito mal quando votou pela admissão. Vai arrepende-se, tão certo como eu chamar-me Pedro e ter experiência de negócios.

PICA

Aceita o teu filho.

PEDRO

Recusámo-nos um ao outro um dia. Todas as águas do mar não poderão apagar as palavras que dissemos então. «Não és meu pai», disse ele. «E tu nunca mais serás meu filho», disse eu.

PICA

Foram apenas palavras. Podemos recomeçar do princípio. Francisco voltou. Tomemos o seu regresso como uma segunda vida, sua e nossa.

PEDRO

Ninguém vive duas vidas.

(Abre-se uma porta. Entra Francisco.)

FRANCISCO

Não é preciso pôr outro cabide na sala do conselho. Tenciono usar sempre o hábito, não terei que andar a vesti-lo e a despi-lo consoante as ocasiões.

(Pedro não dá mostras de ter ouvido.)

PICA

(Nervosa)

Teu pai está ocupado, espera um pouco.

PEDRO

Tomei boa nota, mas a ordem será cumprida, salvo se vier a ser anulada por quem a deu. Ter ou não ter o cabide serventia é questão que não me interessa.

FRANCISCO

No meu quarto há coisas a mais. Necessito apenas duma cama para dormir, duma mesa para trabalhar e duma cadeira para me sentar.

PEDRO

Muito bem. Tomei nota. Serão retiradas as superfluidades.

FRANCISCO

E não receberei salário.

PEDRO

Não usamos aqui esse nome. Chamamos-lhe remuneração mensal.

FRANCISCO

É indiferente. Não quero dinheiro.

PICA

Mas, Francisco, como irás viver assim?

FRANCISCO

Como dantes vivia. De esmolas.

PEDRO

Tomo nota.

FRANCISCO

Então toma também nota de que, por decisão do conselho que agora terminou, fui encarregado de coordenar o trabalho de reciclagem dos agentes. Confia-se na minha habilidade de doutrinação, tendo em conta os bons resultados conseguidos no passado. (*Para Pica.*) Elias teve mesmo uma frase muito bonita, qualquer coisa como o passado penhor do presente e o presente promessa do futuro. Ou talvez tenha sido o contrário.

PEDRO

Espero que consigas que os agentes passem a vender melhor os produtos da companhia. Até seria capaz de fazer as pazes contigo, imagina.

FRANCISCO

Não haverá paz entre nós. Antes queria morrer. Ou saber-te morto. Então, sim, haveria paz. Ainda que me roesse de remorso.

PICA

Não podes dizer isso ao teu próprio pai.

PEDRO

Cala-te. Esse teu filho tem razão. Também eu, quando ele renunciou à herança, quando nos deixou para ir viver a sua vida de pobre, também eu lhe desejei a morte. Porque nos desonrava perante o mundo. Desejei-lhe a morte, mas, como se vê, não morreu. Está aí, vivo, diante de mim, que estou vivo. Mas um de nós terá de morrer primeiro. Ele? Eu? Será o pai a matar o filho, ou o filho a matar o pai? É que aquele que morrer, ainda que seja da sua natural morte, terá sido assassinado pelo outro.

PICA

Estais doidos, ambos. Tanto desamor por coisa nenhuma. (*Para Pedro.*) Só porque um ao outro se desiludiram. O filho não obedeceu ao pai, o pai não aceitou a vontade do filho. Loucos, cegos, orgulhosos. São pai e filho, e não sabem.

FRANCISCO

Este não é o meu pai.

PICA

É teu pai, mesmo que não o queiras. É teu pai pela natureza, foi ele quem te fez aqui (*indica o próprio ventre*), sem ele não existirias. E esse outro pai que escolheste, como se tu próprio o tivesses inventado, já antes era pai nosso, de mim, de Pedro. Vives em contradição, Francisco. Julgas ter renunciado a tudo, e tudo te seguirá até ao teu último dia.

FRANCISCO

Pois que assim seja. É verdade que não pude vencer definitivamente a tenacidade de alguns sentimentos, e também a memória, coisas humanas que entorpecem a alma. Mas nasci para ganhar essa batalha, e nela continuo, não para condescender. O homem será homem plenamente quando, tendo atingido a suprema pobreza, a suprema desnudez, ainda for capaz de sobreviver como homem.

PEDRO

(Subitamente compreensivo)

Talvez venhas a aprender então que não é possível chegar aí e continuar a ser homem.

FRANCISCO

(Apaixonado)

Eu cheguei.

PEDRO

(Lentamente)

Homem, é o que tu já não és. *(Pausa.)* Sai daqui. Ao pé do teu orgulho, sou a mais humilde das criaturas. A mim é que deverias chamar irmão pai. Some-te da minha vista, demónio.

FRANCISCO

És realmente meu pai. *(Sai.) (Francisco está no seu quarto, a escrever. O mobiliário é apenas aquele que pediu a Pedro. Entram Leão e Junípero. Trajam à civil, ao contrário de Francisco, que veste o hábito.)*

LEÃO

Gostaríamos de conversar um pouco. Mas, estás a trabalhar. Não queremos interromper.

FRANCISCO

Para que são as cerimónias? O que faço pode esperar. Estava a alinhar umas ideias para a reciclagem dos agentes. Não consigo habituar-me a esta palavra reciclagem. Que vocês tenham vindo procurar-me, é o melhor que poderia acontecer-me hoje.

LEÃO

Espero que não tenhas de mudar de opinião. Queríamos perguntar-te se não

estranhaste que o conselho, por unanimidade, te tivesse encarregado da preparação dos agentes, com as consequentes responsabilidades.

FRANCISCO

Não, de facto não estranhei. Achei mesmo natural. Sempre fui muito bom a doutrinar pessoas, lembras-te? O próprio Elias teve a bondade de o recordar quando apresentou a proposta. É isso, sempre fui muito bom. Com perdão da imodéstia, claro está.

JUNÍPERO

Mesmo assim, não percebo como é que, defendendo tu o regresso à pobreza do nosso primeiro instituto, vás agora conceber e pôr em prática métodos para que os agentes vendam mais e mais depressa, fazendo, portanto, aumentar as riquezas da companhia. Desde que me conheço, as pessoas dizem que não sou muito inteligente. Se todas o dizem, tenho de aceitar que têm razão, mas a minha diminuta inteligência chega para me aperceber da contradição.

FRANCISCO

Tenho os meus planos. E as minhas razões. O que te parece agora contraditório aparecer-te-á coerente dentro de pouco tempo. Então verás que não me afastei um milímetro do meu próprio caminho. Podendo escolher, iria por campo aberto e raso, mas se é preciso atravessar um pântano ou subir a uma montanha não volto a cara. Faço alguns rodeios, e é tudo.

LEÃO

Também não percebo. E, sem querer ofender-te, não acredito no que acabas de dizer. A questão, para mim, é simples. Ou mentias quando exigiste que a companhia voltasse a ser pobre, ou mentes agora. Foi da tua boca que ouvi dizer: ter não é igual a não ter. Se, com as mesmas artes com que nos levaste a sermos pobres, indústrias agora os agentes de modo a baterem os recordes de venda...

JUNÍPERO

Nunca sentiste curiosidade de saber quem teria votado em ti para o lugar de Elias? Recebeste dois votos, lembras-te? Esses votos significavam, podiam

significar, quero dizer, que as pessoas que escreveram o teu nome estariam de acordo com a tua proposta de regresso à pobreza, ou se ofendiam, no fundo do seu coração, com o alarde de riqueza da companhia, ou tinham, simplesmente, saudades do passado. Que terias tu para dizer a essas pessoas?

FRANCISCO

Quem são elas? Onde estão?

LEÃO

Aqui, naturalmente. Como se tu o não soubesses já...

FRANCISCO

Fui bastante ingénuo para imaginar, na altura da votação, que todos se declarariam a meu favor. Mas se só dois se colocaram do meu lado, esses teriam de ser Leão e Junípero. Obrigado. Foi a única vez em que não me enganei. *(Pausa.)* Mas houve uma segunda votação, e nela tive três votos. Quem terá sido o terceiro?

JUNÍPERO

Rufino, provavelmente. Mas não te iludas. Tenho algumas razões para crer que a solidariedade dele começou ali e ali acabou. Quanto à nossa, apetece-me dizer que ainda bem que para nada te serviu, se agora te desmentes a ti próprio, aceitando a responsabilidade de doutrinar os agentes. Dás o dito por não dito, não és o Francisco que eu conheci.

LEÃO

Depressa te rendeste às razões de Elias.

FRANCISCO

Não é verdade que me tenha rendido às razões de Elias. Compreendi, isso sim, que não conseguiria fazer voltar a companhia à integridade dos seus velhos princípios.

JUNÍPERO

Resolveste portanto aplicar o ditado: se não podes vencê-lo, junta-te a ele.

FRANCISCO

Com uma pequena modificação: se não podes convencê-lo, destrói-o.

JUNÍPERO

Destróis, quem?

FRANCISCO

A companhia.

LEÃO

Queres destruir a companhia que tu próprio criaste?

FRANCISCO

Sim, porque não há outra maneira de destruir aquilo em que ela se tornou. Se não é possível extrair o veneno da serpente, mate-se a serpente. (*Para Junípero.*) Acrescenta este novo ditado à tua colecção.

JUNÍPERO

Houve um tempo em que nem mesmo uma serpente serias capaz de matar. Chamar-lhe-ias irmã serpente e dirias que Deus lhe tinha dado o veneno para que os homens fugissem de pisá-la.

FRANCISCO

Esta é a mais venenosa de todas, e é a que nos pisa.

LEÃO

E como pensas tu que vais destruir a companhia? Que maneira de armas inventaste? Ou talvez não tenhas em nós confiança bastante para nos revelares os teus planos de batalha.

FRANCISCO

Ao votarem em mim, ficaram comprometidos comigo. Se Elias conhece as pessoas com quem lida, sabe certamente que foram vossos os meus votos.

JUNÍPERO

Elias fala-nos como se nada se tivesse passado.

LEÃO

Mas nós, imagina que para recuperarmos inteiramente a confiança dele, lhe íamos contar o que sobre os teus projectos nos disseses.

FRANCISCO

No meio de tanta confusão ainda vejo algumas claridades. Tenho a certeza de que não o fariam.

LEÃO

Porquê? É nosso primeiro dever defender a integridade da companhia.

FRANCISCO

Nem tu nem Junípero poderiam suportar a ideia de que, inevitavelmente, eu o viria a saber. Quando Elias me acusasse diante de todos, eu limitar-me-ia a olhar para vós.

LEÃO

Creio que gostava mais de ti quando eras inocente.

FRANCISCO

A única maneira de ficar inocente é morrer cedo. Eu ainda estou vivo, a inocência não podia viver tanto. E fui eu, realmente, inocente? Pode-se ser inocente e aborrecer o próprio pai?

JUNÍPERO

Se teu pai, no momento em que lhe anunciaste a tua decisão de adoptar a pobreza, a tivesse aceitado pacificamente, se te tivesse louvado e beijado as mãos, não teria esse ódio nascido entre vós.

FRANCISCO

É possível que tenhas razão, mas minha mãe aceitou-a, e nem por isso depois lhe demonstrei amor, sequer gratidão. Deixaram de existir para mim, nada mais. Meu pai ainda ganhou o meu rancor, minha mãe apenas a indiferença e o esquecimento. Para que servem pai e mãe terrestres, se com esta facilidade os desprezamos. E eles a nós. Apetece que morram para sabermos se afinal os amávamos.

JUNÍPERO

Aí está o que nunca poderemos dizer do pai do céu. Sendo eterno, não morre. Não morrendo, não chegaremos a saber se o amámos verdadeiramente.

LEÃO

Blasfémia.

JUNÍPERO

Fazes mal em dar importância ao que eu disse. Eu sou Junípero, o simples. Posso dizer o que me passar pela cabeça, mas se ao que eu disser chamas blasfémia, não sou eu o que blasfemei. Eu apenas disse as palavras, tu é que as classificas de blasfémia. A questão é entre ti e quem há-de decidir sobre as verdades e as mentiras.

FRANCISCO

Chamei ao lobo irmão lobo, e a meu pai natural retirei-lhe o nome. É a blasfémia maior. Mas não há remédio. O lobo nunca soube que lhe dei nome de irmão. E esse a quem não chamo pai sabe tudo de mim.

LEÃO

E dos teus projectos, afinal, que queres que saibamos?

FRANCISCO

Vou destruir a companhia retirando-lhe a sua única actual razão de ser: o dinheiro. Se não aceita regressar voluntariamente à pobreza, levá-la-ei à ruína. Empobrecerá, não para viver, mas para morrer.

JUNÍPERO

E como farás o milagre? Arrombarás os cofres? Queimarás as acções e as obrigações? Reduzirás os diamantes a pó? Atirarás ao mar os lingotes de ouro? Deitarás fogo às fábricas? Pedirás um dilúvio que afogue o conselho?

FRANCISCO

Industriarei os agentes de modo que cada vez mereça menos crédito a sua palavra. Virarei a arma contra o peito de quem a usa.

LEÃO

Volto a dar-te o nome de inocente. Há séculos que a palavra vem perdendo crédito e a companhia cada vez está mais rica. Como queres com uma mesma causa produzir o efeito contrário? E, ainda que o conseguisses, do que duvido, quanto tempo pensas que irás levar a reduzir de um avo a imensa riqueza da companhia? Foram mal empregados os nossos votos, Francisco. Não sabes o que queres, não sabes sequer o caminho que te levaria ao simples querer.

JUNÍPERO

Irmão Francisco...

FRANCISCO

Chamaste-me irmão...

JUNÍPERO

Apesar do teu exemplo, não daria a um lobo este nome. Dou-o a ti porque me fizeste ver, nos tempos passados, que um homem pode ser irmão doutro homem, ser realmente irmão, sem que uma única gota de sangue lhes seja comum. E que só a riqueza separa os homens. Agora estou pronto, se quiseres,

a voltar a ser pobre contigo, eu, tu, sem pensarmos mais na companhia. A companhia vive da sua própria vida, não podes dar-lhe nem tirar-lhe nada. Tu, para ela, não existes, pura e simplesmente não existes. Não és mais do que um pequeno rumor. Distrais a atenção por um momento, apenas isso.

FRANCISCO

Assustei a Elias.

JUNÍPERO

Como a ti te pode assustar uma sombra. Se de facto assustaste a Elias, repito, foi por um momento. Agora ele segue todos os teus movimentos, adivinha todas as tuas atitudes, prevê o teu próximo gesto. Nada poderás fazer já que o surpreenda.

LEÃO

Também te acompanharei, se decidires fazer o que Junípero disse. Começaremos uma fraternidade nova. Proclamaremos as virtudes da pobreza, praticaremos essas virtudes, seremos pobres, seremos virtuosos, seja-me perdoada a presunção. Mas não te esqueças de que isso a que um dia chamaste pobreza tem hoje nome de miséria. Para sermos reconhecidos como pobres, teremos de ser miseráveis. Teremos de rebaixar-nos para que nos tomem a sério. E então o mais provável, que digo eu, infalivelmente seremos eliminados. Duma maneira ou doutra. Mas estou pronto a seguir-te, se quiseres.

FRANCISCO

Primeiro destruirei a companhia.

JUNÍPERO

Por esse caminho nunca o conseguirás. Ainda que deitasses fogo a tudo isto, com todos os que aqui estão dentro, nem sequer alguém poderia dizer depois que a companhia tinha renascido das cinzas. A companhia, irmão Francisco, está sempre noutro lado. Queimarias uma imagem, não um corpo.

FRANCISCO

(*Após uma pausa*)

Se eu morresse...

LEÃO

Que ideia é essa? Que absurdo...

FRANCISCO

Se a minha morte, agora, pudesse ser um protesto, se pela dor do meu desaparecimento, pelo amor das lágrimas, se abrissem os olhos dos que vivem enganados...

LEÃO

Disseste que tens dúvidas sobre a tua inocência. Não tenhas. És a suprema inocência, a ingenuidade suprema. Não acredites que aquilo que um vivo não fez o possa fazer um morto. Por cada vivo que se vai embora, sempre uma outra vida começa. Mas sem ele, que morreu, e quase sempre contra ele. Tinhas obrigação de o saber.

FRANCISCO

Alguém deverá morrer, é preciso um sinal. (*Pausa.*) Que morra então meu pai, que morra já.

JUNÍPERO

Ler o futuro no sangue que brotou da ferida e alastrou no chão. Decifrar o desenho, interpretar os salpicos. Essa ciência não a temos, Francisco. E nunca soubemos o que devíamos fazer com as cinzas, a não ser espalhá-las ao vento.

(*Silêncio prolongado. Suspensão. Abre-se violentamente a porta. Pica entra, fala surdamente.*)

PICA

Pedro morreu. Pedro morreu. (*Para Francisco.*) Teu pai está morto. Assassinado. (*Pausa.*) De morte natural.

FRANCISCO

Em paz esteja, se a merece aos olhos de quem já o julgou. (*Para Leão.*)
Disseste que a vida nova começa contra aquele que morreu. Foi-nos dado o sinal. Vou destruir a companhia.

LEÃO

Pobre Francisco.

Segundo acto

Sala de trabalho das mulheres.

INÊS

Já se sabe quem vai ser o novo director-geral?

PICA

Não. Suponho que o assunto ainda não foi discutido no conselho. Mas deve estar para breve.

INÊS

Espero que quem vier não me obrigue a escrever relatórios de quatro em quatro páginas. Sem querer ofender a memória do teu competente marido, essa invenção de Pedro era realmente diabólica. Que ideia fazia ele de nós?

PICA

Tratava-se de uma simples precaução, que até deverias agradecer-lhe. Não sabendo, não poderias revelar. Não podendo revelar, não corrias o risco de sofrer as consequências de uma divulgação de segredos da companhia que tivesse saído daqui.

INÊS

Teria preferido correr esses riscos. Por nada. Ou por uma questão de honra, se as palavras dizem exactamente o que penso e se uma simples empregada tem direito a honra.

JACOBA

Realmente, era humilhante ser tratada como suspeita.

PICA

Oxalá o novo director-geral que vier não vos faça escrever relatórios de cinco em cinco páginas.

CLARA

Talvez te nomeiem a ti. Seria bom, já nos conhecemos.

PICA

Não tenho as habilitações necessárias nem a competência que se espera de um director-geral.

CLARA

E se as tivesses e fosses escolhida para o cargo, procederias como? É bom saber, para nos irmos preparando.

(Risos.)

PICA

Da mesma maneira.

INÊS

Naturalmente. Nem era de esperar outra coisa. Aprendeste em excelente escola. Pedro era um mestre.

CLARA

Não sejas desagradável, Inês. Quem tem de dar ordens faz coisas que antes não sonharia. Sabes tu lá como te comportarias.

JACOBA

Para não ter de o saber, prefiro estar como estou.

INÊS

Subalterna.

JACOBA

Os subalternos também são precisos. Alguém tem de ser subalterno.

CLARA

Não exactamente por ter de o ser. Querem um exemplo? A razão de Francisco, apenas por ser razão, deveria prevalecer contra a força de Elias. Prevalecerá? É certo que David venceu Golias, mas se Golias também tivesse uma funda e pudesse atirar de longe, quem nos diz que não seria David o vencido? Todas as histórias têm o seu reverso.

JACOBA

David venceu por vontade do Senhor.

CLARA

Teremos de acreditar que por vontade do Senhor é que David tinha uma funda e Golias apenas uma espada? E se a espada de Golias fosse tão comprida como o alcance da funda de David? Se a razão é uma espada curta e o poder uma pedra atirada de longe, estão trocados aqui os papéis de David e Golias.

PICA

Muito interessante, o debate, apesar de me cheirar a heresia. Mas gostaria que fizessem um intervalo nas ideias e se lembrassem de que o trabalho tem de ser acabado.

INÊS

Já não há um Pedro a quem te vás queixar.

PICA

Se não há Pedro, há Elias, que pode mais.

INÊS

Elias pertence àquela espécie de homens que não entram na cozinha. Se

calhar, também por uma questão de honra.

A honra tem muitas maneiras de exprimir-se. (*Pausa.*) Tu dizes, Clara, que a razão de Francisco deveria prevalecer contra a força de Elias. Mas eu não estou tão certa como tu de que Francisco tenha razão. E não deves deixar que os sentimentos te influenciem.

JACOBA

Que sentimentos? De que sentimentos estás a falar?

INÊS

Estas coisas estão acima da tua compreensão...

CLARA

A razão de Francisco é uma só: se a companhia quer continuar a ser o que é hoje, então que renuncie às suas origens, deixe de vangloriar-se do espírito antigo. Não deve dizer: eu sou porque fui, mas sim: eu sou porque deixei de ser. Quanto aos sentimentos, é a falta deles que pode cegar a razão.

JACOBA

Bem dito.

INÊS

Será bem dito, será. Mas os factos são os factos, e o facto que neste caso importa é que a força tem-na Elias.

CLARA

Elias só tem a força.

INÊS

A força e as razões da força. A força nunca precisou da razão, bastam-lhe as suas próprias razões. Sem nenhuma espécie de sentimento.

PICA

Então és contra Francisco.

INÊS

Não se trata de ser contra Francisco ou a favor de Francisco. Nós estávamos aqui, íamos vivendo a nossa vida, achávamos natural que a companhia fosse o que é, aos poucos fomos habituando. De repente chega Francisco, entra por aí dentro, e só por isso hei-de pôr-me do seu lado, assim, sem mais nem menos? Veio ele perguntar-me o que eu pensava? Não. Quem julga ele ser para que a sua simples presença ou uma simples palavra determinem os actos dos outros, de mim, de todos?

PICA

Francisco foi o fundador da companhia. Tem direitos.

INÊS

Também Pedro fundou a vida de Francisco, e Francisco não reconheceu a Pedro nenhuns direitos.

CLARA

A comparação é forçada.

INÊS

A exigência de Francisco também o é.

JACOBA

Essa discussão deixou de ter razão de ser, Francisco já não fala em mudar a companhia. Agora anda a doutrinar os agentes. Voltou a paz e todos vamos ser muito felizes.

INÊS

Duvido. Ainda veremos Francisco disputar o lugar de Elias para continuar a obra de Elias.

CLARA

Quem já leva duas batalhas perdidas, também poderá perder a terceira.

PICA

Quem sabe? Talvez Francisco só tenha de começar a escrever a partir da quarta página.

(Entra Elias.)

JACOBA

(Aparte)

Afinal Elias desceu à cozinha.

PICA

Grande surpresa. Que eu me lembre, esta é a primeira vez que entras na sala das mulheres.

ELIAS

É o resultado de me faltar Pedro. Desde que ele morreu sinto uma espécie de vazio à minha volta. Como se de repente nada mais estivesse a acontecer, e bem sabemos como isso não pode ser verdade.

CLARA

Talvez recebesses dele informações de mais.

ELIAS

Talvez. Mas agora recebo-as de menos. E não gosto. Que têm estado a fazer aqui?

PICA

Nada de que não tenhas conhecimento, directo ou indirecto. Se julgas que

andam a esconder-te informações, não será deste serviço. Sou leal, não jogo por baixo da mesa nem atrás das portas.

ELIAS

Por isso é que não darias um bom director-geral. (*Para Inês.*) Que estás a escrever?

INÊS

O mesmo que elas. As instruções de Francisco aos agentes.

PICA

Pedi urgência porque, segundo me disse, vai apresentá-las para aprovação no próximo conselho.

ELIAS

Quero ler.

PICA

Mas com certeza ele entrega-tas antes da reunião, para que tomes conhecimento...

ELIAS

Quero lê-las agora.

PICA

Pronto, aqui estão. Se ele me perguntar...

ELIAS

Se ele te perguntar dirás que te limitaste a cumprir uma ordem de quem tinha autoridade para dá-la. (*Lê.*) «Meus irmãos, à primeira palavra, executai a ordem recebida, sem esperar que vo-la repitam. Nunca apresenteis a impossibilidade como pretexto, porque se eu vos ordenar coisas acima das

vossas forças, a obediência vos dará as forças que vos faltam.»

PICA

Como vês, é tudo muito claro. Deste uma ordem, e eu obedeci.

ELIAS

(Le)

«Quando o Senhor se retirou para o deserto para orar e jejuar durante quarenta dias, não fez construir nem casa nem cela, abrigou-se simplesmente debaixo duma rocha da montanha. Devemos imitá-lo segundo as prescrições da regra, nada possuindo em plena propriedade e conservando apenas o uso das coisas, uma vez que não é possível passar sem elas.»

CLARA

Não precisas de continuar a ler, se confias na minha palavra. Francisco não faz mais que repetir as regras da companhia. O resto segue a mesma conformidade, palavra por palavra.

ELIAS

(Perplexo)

Que quer isto dizer? *(Lê ainda.)* «Que ninguém obedeça a uma ordem em que haja matéria de falta ou de pecado.» É isto que vai ser enviado aos agentes?

PICA

Depois de aprovado pelo conselho.

CLARA

E o conselho terá de aprovar, uma vez que as instruções não fazem mais do que repetir, torno a dizer, palavra por palavra, os estatutos da companhia.

ELIAS

Mas os estatutos da companhia são fornecidos a todos os agentes na altura da sua admissão. Porquê repeti-los agora?

INÊS

Por que será, presidente? Usemos a nossa privilegiada inteligência. Os agentes recebem os estatutos, mas poucos são os que os lêem. E se os leram uma vez, não voltam a olhar mais para eles. Passam a dar atenção só às instruções práticas, às orientações de serviço, às tarefas do plano, aos objectivos, às normas, às pautas, às correcções de conjuntura, aos ajustamentos tácticos, às estatísticas...

CLARA

Cala-te, Inês.

INÊS

Pois sim, mana. Mas ninguém negará que é verdade o que eu disse.

CLARA

Melhor seria que tivesses mentido.

ELIAS

(Para Jacoba)

Vai dizer a Francisco que quero falar com ele.

JACOBA

Digo-lhe que te procure no teu gabinete?

ELIAS

Não. Que venha aqui mesmo.

PICA

E nós? Ficamos, ou saímos?

ELIAS

Podem ficar, se quiserem. Não. É melhor que saiam. (*Saem, excepto Clara.*)
És diferente das outras? (*Sai Clara.*)

(*Pausa. Entra Francisco.*)

FRANCISCO

Disseram-me que queres falar comigo.

ELIAS

Disseram-te bem. Vim até aqui, não é costume, mas vim, para ver como estava a correr o trabalho. Falta-me o Pedro, e noto que há pequenos atrasos, incompreensões, alguma preguiça. Enfim, nada de grave, basta que dêmos um pouco de atenção enquanto não for nomeado outro director-geral. Não te parece?

FRANCISCO

Sou da mesma opinião.

ELIAS

Estava aqui a falar com Pica acerca duma ordem de serviço, e distraidamente agarrei nos papéis que as raparigas estavam a passar à máquina. Disseram-me que eram as tuas instruções aos agentes. Mas logo verifiquei, com grande surpresa, que te tinhas limitado a copiar os estatutos.

FRANCISCO

Assim é.

ELIAS

Se a tua intenção foi refrescar a memória dos agentes, acho que seria suficiente fazer uma nova distribuição dos estatutos, juntando-se-lhes uma

circular a lembrar e recomendar a necessidade da leitura do nosso documento fundamental. Assim, como queres fazer, é tempo perdido e dinheiro atirado à rua. Pelo menos é o que me parece, a não ser que a tua ideia seja outra e eu não a tenha entendido bem. Acontece muito a quem está de fora, não ver todos os aspectos duma questão.

FRANCISCO

Acho que compreendeste tudo, não tenho nada a acrescentar. Quando muito apenas isto: os agentes receberiam com indiferença a nova distribuição dos estatutos. Reconheciam o documento e punham-no de parte, e lá se perderia, como dizes, o tempo e o dinheiro.

ELIAS

Então, a tua intenção é de que o leiam outra vez.

FRANCISCO

Evidentemente. Não é para ser lido que ele existe?

ELIAS

Mas não te parece trabalho desnecessário? Claro que não estou a pensar em imiscuir-me numa tarefa de que foste encarregado e de que passaste a ser responsável. Mas é óbvio que o conselho vai ficar surpreendido se lhe apresentares, como teu primeiro passo, em vez de verdadeiras e eficazes medidas de acção, a simples repetição de um documento antigo, de valor e significado, por assim dizer, simbólicos. Naturalmente, não estou a antecipar-me ao juízo do conselho.

FRANCISCO

Esse documento antigo é a regra da companhia.

ELIAS

Vamos a ver se nos entendemos, se compreendo bem a tua ideia. Não há dúvida de que o conselho não irá votar contra o seu próprio estatuto, mas poderá, por razões várias, discordar da oportunidade duma nova publicação e

distribuição. Com certeza não ignoras esta eventualidade.

FRANCISCO

Não ignoro. Mas se o conselho decidir como dizes, e acredito que assim vá acontecer, se é essa a tua opinião, estou pronto a fazer a distribuição à minha própria custa.

ELIAS

Não tens dinheiro, disseste no outro dia.

FRANCISCO

Quem não tem, pede. Poderei começar o peditório pelos próprios membros do conselho, logo depois da decisão. Decerto não irão recusar-me uma esmola para que possa ser repetida e divulgada a palavra em que acreditam e afirmam praticar.

ELIAS

Parece teres esquecido que o conselho votou contra a proposta que apresentaste, de regresso à pobreza original.

FRANCISCO

Permite-me que te corrija. Em rigor, o conselho nunca votou sobre essa questão. Houve duas votações, lembras-te? Uma para decidir se eu ocuparia ou não o teu lugar. Perdi. Quatro votos contra dois. A outra para decidir se deveria ser ou não readmitido na companhia, com acesso imediato ao conselho. Ganhei.

ELIAS

Com o meu voto.

FRANCISCO

Sim, com o teu voto. Nunca te agradeci, desculpa-me. Agradeço-te agora. Sem esse voto não teria eu agora o privilégio de manter contigo esta

conversação.

ELIAS

Seja como for, ao confirmar-me no lugar de presidente, o conselho confirmou a minha orientação, e essa está contra o teu projecto de regresso à pobreza. Não podes negar isto.

FRANCISCO

Não nego.

ELIAS

Sendo assim, por que teimas na tua ideia?

FRANCISCO

Julguei que tivesse ficado claro que já desisti disso a que chamas a minha ideia.

ELIAS

No entanto, estes papéis proclamam, ao repetirem o estatuto, que a companhia deve respeitar e cumprir o seu antigo ideal de pobreza. Dizes o mesmo da mesma maneira, e cobres-te com a legitimidade de o dizeres. Há aqui uma malícia subjacente que me escapa, mas pressinto-a. Quase lhe consigo tocar com os dedos. Conheci-te puro e inocente, todas as palavras que então pronunciavas eram transparentes, tudo exprimias por direito e por claro, agora vejo sombras demoníacas.

FRANCISCO

Pedro chamou-me demónio.

ELIAS

Exageros de pai. Eu apenas falo de sombras demoníacas.

FRANCISCO

Tenta reconhecê-las. Para ti não deveria ser difícil, vives entre elas há tanto tempo.

ELIAS

Cala-te. (*Pausa longa, tensão.*) Compreendo, enfim. Os meus parabéns, irmão Francisco. Querias levar os agentes a retomar o discurso dos primeiros tempos para assim afastares ainda mais as pessoas de nós, querias que os nossos clientes, no sentido técnico da palavra, colocados diante duma doutrina radical, sem concessões, nos virassem definitivamente as costas, querias, em três palavras simples, destruir a companhia. Não o podes negar, confessa.

FRANCISCO

Não sei como poderia ser motivo de destruir-se a companhia a repetição das palavras que a construíram, que são seu fundamento e justificação de vida.

ELIAS

Nunca ouviste o ditado: «Num lado se põe o ramo, no outro se vende o vinho»? Nunca ouviste?

FRANCISCO

É isto taberna?

ELIAS

Aí está uma pergunta irónica e altiva. Mas insignificante. Terei de explicar-te que, na matéria que estamos a discutir, o ramo é os princípios e o vinho a prática?

FRANCISCO

Deles? Dos princípios?

ELIAS

Ou contra eles, sempre que for preciso.

FRANCISCO

Como agora.

ELIAS

Como sempre. Estás descoberto, Francisco. Vou convocar o conselho para o informar da tua acção contra a companhia.

FRANCISCO

Vão expulsar-me?

ELIAS

Não o permitiria, ainda que fosse essa a decisão do conselho. Tenho muitos poderes, e poder suficiente para exercê-los. Continuarás connosco. Hei-de obrigar-te a percorrer todo o teu caminho. Mas não te quero vítima nem mártir. *(Sai.) (Francisco deixa-se cair numa cadeira, parece abatido. Entra Clara. Acena lentamente a cabeça, como quem se apieda.)*

FRANCISCO

(Olhando o espaço à sua frente)

Ainda tenho uma arma. Talvez. *(Clara vem para ele. Abraçam-se.)*

(Sala do conselho. Todas as personagens.)

ELIAS

É esta a primeira vez que o conselho se reúne depois da inesperada morte de Pedro, nosso director-geral durante tantos anos, pessoa que sempre serviu a companhia com absoluta dedicação e competência, ao ponto de não haver exagero em dizer que grande parte da nossa actual prosperidade, exceptuando as pequenas dificuldades ultimamente surgidas, deve-se aos seus preciosos conhecimentos, tanto teóricos como práticos, nas difíceis técnicas de administração e gestão duma companhia moderna. Graças à sua palavra sempre clarividente e oportuna, pudemos guiar-nos com segurança na definição dos nossos objectivos e estratégias, com geral proveito. O seu brutal

desaparecimento deixa uma lacuna de difícil, se não impossível, preenchimento. Resta-nos a consolação de com ele termos aprendido o suficiente para, reforçada infatigavelmente a nossa luminosa doutrina, nos orientarmos nos desafios e tarefas do futuro. Proponho, pois, que fique exarado na acta um voto de profundo pesar pelo doloroso passamento do nosso companheiro, e que à sua viúva expressemos por meio desse voto a nossa indefectível solidariedade, acompanhando-a no seu desgosto, ao mesmo tempo que lhe rogamos que continue a prestar-nos, por seu próprio mérito e em memória do querido desaparecido, a sua valiosa colaboração como responsável pelos serviços de secretariado, se a tarefas de maior responsabilidade não vier a ser chamada.

VOZES DO CONSELHO

Aprovado. Muito bem. De acordo.

ELIAS

Tinha Pedro um filho a quem, noutra situação, que não esta, anormal, votos semelhantes deveriam ser endereçados. Porém, é de todos nós sabido que as relações entre Pedro e seu filho eram deploráveis, para não dizer pior, pelo que cometeríamos um acto de censurável hipocrisia se a Francisco, é dele que falo, envolvessemos na expressão do nosso pesar. Tome ele, para si, destas nossas palavras, aquilo que verdadeiramente possa caber em seu coração. (*Pausa.*) Bem gostaríamos de pensar que a todas elas poderia Francisco receber. Infelizmente, alguns factos recentes vieram confirmar que existem e se agravam, entre ele e nós, certas dificuldades de comunicação, como creio que é possível, sem ironia, chamar-lhes. A ele entendemo-lo perfeitamente, mas ele não pode, ou não sabe, ou simplesmente não quer entender-nos a nós. O conselho deverá, pois, pronunciar-se sobre as providências a tomar para obviar de vez às manobras que Francisco tem vindo a tentar contra a integridade moral e patrimonial da companhia.

FRANCISCO

Isto é uma reunião do conselho, ou uma sessão de tribunal? Vai-se deliberar sobre factos de administração, ou julgar um criminoso?

ELIAS

Não somos tribunal nem nos constituiremos em juízo. Mas é indiscutível que não há nada que se pareça mais com uma sentença do que uma decisão. E nós estamos aqui para decidir.

BERNARDO

Votei duas vezes contra Francisco, olhando às necessidades do presente, não às circunstâncias do passado. Se todos tivessem votado como eu, não teríamos agora estas dificuldades. E não posso deixar de lembrar-te, Elias, que votaste a favor dele.

ELIAS

Sim, votei a favor de Francisco e tornaria a votar. Digo mais: se neste conselho for necessário recorrer a nova votação, votarei outra vez a favor dele, se votar a favor significar mantê-lo aqui. Quero continuar a cruzar-me com ele nos corredores, quero vê-lo sentado a esta mesa, diante dos meus olhos, numa palavra, à minha vista.

MASSEO

Melhor faríamos se o expulsássemos.

GIL

Algumas vezes aconteceu destruir o criador a sua obra. Não seria de mais, neste caso, destruir a obra o seu criador.

ELIAS

Não admitirei que a companhia destrua Francisco.

GIL

Mas Francisco quer destruir a companhia.

ELIAS

Reconheço que, remotamente, ele tem esse direito. Um direito moral, claro, de pouca eficácia.

MASSEO

E vamos tolerar que continue a viver connosco alguém que nos quer fazer mal?

LEÃO

Alguém que, segundo os seus critérios, tenta salvar-nos.

JUNÍPERO

Alguém que pôs na sua ideia que um dia hei-de tornar a dar campanhas de prata.

RUFINO

Antes que a discussão prossiga quero fazer uma declaração. Votei uma vez a favor de Francisco. Não votarei outra.

ELIAS

Sempre pensei que é tempo perdido fazer votações secretas. Tudo acaba por saber-se. Mas a tua declaração, Rufino, não era cá precisa. Eu já sabia.

FRANCISCO

Podem portanto decidir o meu destino sem mais exames e considerações. Desta vez, Elias, nem terás de usar a qualidade do teu voto de presidente. Não terás de debater com a tua consciência as obscuras razões que determinariam o teu voto.

ELIAS

Obscuras ou não, obrigá-las-ia a inclinarem-se para o teu lado.

FRANCISCO

Continuo a não compreender porquê. Aliás, estás colocado numa situação difícil. Dizes e insistes que não queres expulsar-me, mas terás de explicar ao conselho que destino pretendes dar-me, se, conforme é previsível, os votos se

inclinarem para a expulsão. Seria tudo mais fácil se impedisses o conselho de votar e decidisses sozinho...

ELIAS

O teu melhor talento, Francisco, não é a ironia... Não irei propor a tua expulsão da companhia. Nem sequer a tua demissão do conselho. Proponho, apenas, que te sejam retirados todos os poderes. Ficarás aqui pelo tempo que quiseres, mas não poderás participar em qualquer discussão nem decidir sobre nenhum assunto. A tua cadeira não te será retirada, mas é indiferente que nela te sentes ou não. Se falares, ninguém está obrigado a responder-te. As tuas palavras não serão registadas na acta. Simplesmente, não existes. Tens um lugar à nossa mesa, comerás do que nós comermos, essa é a nossa caridade, não precisarás de andar à esmola. (*Pausa.*) Disse que, se falares, ninguém é obrigado a responder-te. Mas a ninguém estará proibido falar contigo. Proibido, sim, é cumprirem ordens ou satisfazerem pedidos teus, desde que, directa ou indirectamente, o cumprimento dessas ordens ou a satisfação desses pedidos envolvam os interesses da companhia, qualquer que seja o ponto de vista por que esses interesses sejam encarados, teu ou nosso. Quer isto dizer que mesmo uma ordem tua que servisse os interesses materiais da companhia não seria atendida. De ti, nem a centuplicação da nossa riqueza aceitaríamos.

FRANCISCO

Em conclusão: crias o deserto à minha volta.

ELIAS

Pior que um deserto. Acho mesmo que virás a ter saudades do deserto. Lá, talvez um milagre, teu ou de alguém mais santo, fizesse com que um escorpião te falasse. Aqui, não será preciso picar-te um escorpião para saberes que estás envenenado.

FRANCISCO

Tenho alguma alternativa?

ELIAS

Só as que tu próprio descobrires ou inventares. Não as esperes da nossa

benevolência. Claro que uma alternativa existe, definitiva e radical. A de te ires embora. Mas não o farás.

FRANCISCO

Tens a certeza?

ELIAS

Quando digo que não o farás, não quero dizer que não tenhas essa tentação. Quero dizer simplesmente que não consigo adivinhar como o farás e para quê.

FRANCISCO

Disseram-me que eras capaz de prever todos os meus gestos e passos, que nada que eu fizesse poderia surpreender-te.

ELIAS

Até certo ponto, apenas até certo ponto.

BERNARDO

Para mim, a questão está esclarecida. Continuar o debate seria perda de tempo e gasto de palavras inútil. Voto a favor da proposta de Elias.

MASSED

Eu também.

GIL

E eu.

RUFINO

Abstenho-me.

FRANCISCO

(Para Rufino)

Tens assim tanta dificuldade em viver em paz com a tua consciência?

RUFINO

Não posso votar contra ti.

FRANCISCO

Então vota a meu favor, se fores capaz.

RUFINO

Não quero.

FRANCISCO

Gostaria que, por palavras claras, me explicasses o que é abster-se. Não é que eu não saiba, claro, mas gostaria de ouvi-lo da tua boca.

RUFINO

Abster-se é não tomar partido. Não há nada mais claro.

FRANCISCO

Quer dizer, tens uma opinião, mas decides não a manifestar, sem teres que explicar as razões. É isto?

RUFINO

Sim.

FRANCISCO

Diz-me: sem com isto pretender devassar o fundo do teu pensamento, essa opinião é uma das duas que aqui estão em causa, ou uma terceira que não tenha sido admitida?

RUFINO

Não tenho terceira opinião.

FRANCISCO

Então, se compreendo bem o que queres dizer, no teu foro íntimo sabes qual das duas escolherias...

RUFINO

Sei. Mas a abstenção é um direito que me é reconhecido e que posso usar sem estar obrigado a outras explicações.

FRANCISCO

Eu tenho vivido longe, não entendo muito destas subtilezas, mas parece-me que o teu único verdadeiro direito seria teres uma terceira, ou uma quarta, ou uma quinta opiniões. Não o de calares a única que tens. Ou estarei eu enganado, e o teu mundo não se governa segundo a lógica?

RUFINO

Mesmo que a minha opinião fosse contra ti?

FRANCISCO

Sobretudo se for contra mim. Não quero ser enganado por ti à custa de fingires que a ti próprio enganas.

RUFINO

Assim o quiseste, assim o terás. Voto a favor da proposta de Elias. Não podes mais acusar-me de não ter opinião.

FRANCISCO

Beijo-te as mãos, Rufino. Se um dia for chamado a testemunhar numa causa em que sejas réu, jurarei que foste capaz de ser leal e verdadeiro com a tua consciência. E se o juiz objectar que hesitas muito antes de tomares uma

decisão, dir-lhe-ei que não é defeito teu. Pelo contrário: a tua hesitação é um sinal de sofrimento.

RUFINO

Se apenas ao teu testemunho devesse ser absolvido, pediria ao juiz que me condenasse. Porque com as tuas palavras me terias condenado a bem maior pena.

ELIAS

Imagino que a faculdade de falar foi dada ao homem para que ele nunca pudesse ter paz. Faltam ainda dois votos. Leão?

LEÃO

Voto contra a proposta.

ELIAS

Junípero?

JUNÍPERO

Eu também

ELIAS

Não invejo o teu destino, Francisco. Sempre que ganhas, perdes. E quando perdes, é sem remédio. (*Para as mulheres.*) Ouviram o que o conselho decidiu. A partir deste momento, Francisco não está autorizado a dar-vos qualquer ordem, e se, apesar disso, as der, não deveis obedecer-lhe. Esta conclusão, repito, não admite excepções.

CLARA

Não tenciono cumprir a decisão do conselho.

ELIAS

Terei ouvido bem?

CLARA

Ninguém tem melhores ouvidos que tu.

ELIAS

Desobedececes ao conselho?

CLARA

O meu voto não foi pedido. Ninguém senão eu pode decidir do que só da minha vontade dependa.

ELIAS

O conselho é a autoridade.

CLARA

Excepto quando a minha vontade se opuser. Que ninguém obedeça, diz a regra, a uma ordem em que haja matéria de falta ou de pecado.

ELIAS

Que falta ou pecado vês tu na decisão do conselho?

CLARA

A de ter sido tomada contra o sentimento de humanidade. Nenhum homem deve ser apartado dos homens, seja por prémio, seja por castigo.

ELIAS

Vejo que me conheces bem, Clara. Sabes que estaria de acordo contigo se a minha primeira responsabilidade não fosse defender o poder. *(Pausa.)* Suponho que não tens dúvidas sobre as consequências da tua atitude.

CLARA

Haverá consequências. Não sei quais.

ELIAS

Podes ser demitida, podes ser expulsa. Escolhe o que preferires.

CLARA

Escolhe tu por mim. É o que sempre tens feito em relação a todos nós.

ELIAS

(Sorrindo)

Para o vosso bem, sempre para o vosso bem. Trataremos do teu caso depois. Não é ele tão importante que justifique a alteração da ordem dos trabalhos.

LEÃO

É a minha vez de informar que também não acatarei a decisão do conselho. Pelas mesmas razões.

JUNÍPERO

Nem eu.

ELIAS

(Pausa)

Muito bem, Francisco. No último momento, conseguiste dividir-nos. Ou fui eu que nos dividi? *(Pausa.)* De toda a maneira, comesas, enfim, a ganhar alguma coisa. Falta saber até quando e até onde. *(Pausa.)* E tu, Jacoba, vais tomar para ti o exemplo de Clara?

JACOBA

Não.

ELIAS

Aceitas a decisão? Obedeces?

JACOBA

Obedeço.

ELIAS

E tu, Inês?

INÊS

Não concordo com a decisão, mas obedecerei.

ELIAS

Excelente. São essas as palavras que mais gosto de ouvir. Não concordo, mas obedeo. (*Pausa.*) A ti não pergunto, Pica. És a mãe. A voz do sangue sempre reclamará que te coloques ao lado de Francisco. Porém, quero acreditar, pela amizade que me ligava a Pedro, que, na hora em que fores obrigada a escolher, talvez os teus deveres para com a companhia sejam mais fortes.

PICA

A minha hora de escolher, tal como disseste, ainda não chegou. Por enquanto, Francisco está aqui. Ainda aqui estamos todos.

ELIAS

Divididos.

PICA

Mas não separados.

LEÃO

E agora que vais fazer, Elias? Estás diante duma revolta. Junípero, Clara e eu desobedecemos ao conselho. Se não reages à insubordinação, tens de

reconhecer a derrota. E depois, que irá acontecer depois? Disseste que estamos divididos. Podemos dividir-nos ainda mais. Quem te garante que Rufino não estará amanhã connosco? E depois Bernardo. E depois Masseo. E depois Gil. *(Pausa.)* E depois tu próprio, para que outra vez estejamos reunidos. Quem sabe se, voluntariamente, não oferecerás, depois de amanhã, a tua cadeira a Francisco?

FRANCISCO

Não a quereria.

JUNÍPERO

Quiseste-a, não a queres agora.

FRANCISCO

É demasiado tarde. Seria a maneira de Elias triunfar, ele que neste momento se sente tão perto de perder.

ELIAS

Não estejas tu tão certo disso. Durante alguns minutos estiveste sentado nesta cadeira, porque eu o quis então, para mais rapidamente te vencer. Estou pronto a ceder-ta por dias, por meses, por anos, para vencer-te definitivamente.

FRANCISCO

Grande é a confiança que tens em ti próprio para assim mo anunciares com antecipação.

ELIAS

Estás enganado. Não é em mim que tenho confiança, mas nas tuas contradições. Queres a cadeira?

FRANCISCO

Não.

ELIAS

Pela última vez: queres o meu lugar?

FRANCISCO

Não.

ELIAS

Tens medo?

FRANCISCO

Sim, mas não esse que julgas. Tenho medo de vencer-te por me haver transformado naquilo que és.

ELIAS

De um momento para o outro tornaste-te inteligente. Mas, se eu estivesse na tua situação, esse medo de que falas seria uma razão mais para aceitar. A luta passaria a ser não entre duas opiniões contrárias, mas sim entre duas pessoas iguais. Não entre ideias, mas entre vontades. Entre vontades de poder, a tua e a minha.

FRANCISCO

Já te disse, é tarde de mais, mesmo para isso. Porque eu não sou nem chegaria a tornar-me no que tu és, ainda que digas que estou mais inteligente, e deve ser verdade, uma vez que és tu a dizê-lo.

ELIAS

Tarde de mais, porquê?

FRANCISCO

Quis reconduzir a companhia à sua primeira verdade, e falhei. Quis destruir a companhia quando compreendi que a sua reconversão não era possível, e não fui capaz. Provisoriamente. *(Pausa.)* Julguei que poderia fazer tudo isto

sozinho, que a minha autoridade de fundador seria suficiente, que aquele mesmo que dissera «Faça-se» poderia dizer «Desfaça-se», e com esta palavra se apagariam todas as outras que, passando o tempo, fizeram da virtude vício.

ELIAS

Gabas-te de virtuoso?

FRANCISCO

Apenas me louvo de ser pouco imaginativo nos vícios.

BERNARDO

Fiquei a pensar numa palavra que disseste antes. Por que dizes que perdeste apenas provisoriamente na tua tentativa de destruíres a companhia? Que outra ideia tens na cabeça?

FRANCISCO

Estás preocupado, Bernardo? Acertou Leão quando disse que amanhã poderias estar do nosso lado? Tanta pressa foi a que te deu que não pudeste esperar até amanhã? Dou-te um conselho. Não te juntes a mim. Porque onde eu estiver não estará a companhia.

ELIAS

Fala claro.

FRANCISCO

Falarei. (*Pausa.*) Vou mandar entrar um homem que está à espera lá fora. Chama-se Pedro. Que a coincidência do nome não vos perturbe. Que igualmente vos não perturbe qualquer semelhança que encontreis nos traços e na figura.

Todos os seres humanos, quando inteiros, se compõem de cabeça, tronco e membros. Por isso mesmo são possíveis as parecenças. Mas, sobretudo, não pensem que se trata de Pedro disfarçado. Pedro, o outro, está morto. Este é um Pedro vivo.

ELIAS

Que estás a insinuar?

FRANCISCO

Subitamente, ficaste pálido, Elias. Acreditas em almas do outro mundo? Que alma julgas tu ou temes que vá entrar por aquela porta? A do teu director-geral? Mas essa seria uma alma boa para ti, viria auxiliar-te nesta dificuldade. Então? Terás no teu pensamento um outro Pedro, primeiro fundador, que aí viesse pedir-te contas em nome de um sonho? Mas tu, Elias, não és pessoa para teres medo de um simples sonho. Tu sonhas, suponho que sim, como toda a gente, mas depois acordas e fazes o contrário do que sonhaste. Se assim não fosse, a companhia seria diferente.

ELIAS

A quem vais mandar entrar?

FRANCISCO

A um homem que vem em nome dos pobres. Compreendes, tu que já eras inteligente antes de mim, os pobres são muitos, não poderiam caber nesta sala. Além disso, os pobres, quando estão juntos e apertados, cheiram mal, fedem, eu que o diga, houve dias em que não suportava o meu próprio cheiro. Um por um, pobre a pobre, o cheiro aguenta-se, mas em multidão são insuportáveis. Por isso é que veio só um. Se não se aproximarem muito dele, nem darão por nada.

ELIAS

Chamaste aqui o rei dos pobres? (*O tom é irónico.*)

FRANCISCO

Em tempos responder-te-ia que todos os pobres serão reis no céu. Hoje a minha certeza não sobe tão alto. Rei dos pobres só poderia ser o rico que fosse rei dos ricos.

ELIAS

Jogas com as palavras.

FRANCISCO

É possível que a tua grande inteligência não seja capaz de te mostrar que o rei dos ricos é também o rei dos pobres?

ELIAS

Mostra-nos lá esse teu pobre. Tenho grande curiosidade de saber o que irás fazer com ele.

FRANCISCO

Destruir-te. A ti e à companhia. *(Levanta a voz.)* Pedro!

(Tensão. A porta abre-se e entra Pedro. Tem realmente semelhanças com o outro.)

PICA

É ele.

FRANCISCO

Não é ele, mãe. Seria a primeira vez que, tendo chamado meu pai, ele viria. *(Para Pedro.)* Vem cá, Pedro. Estas pessoas que aqui vês reunidas são a companhia. Calculo que não as conheces. Os agentes sem graduação, encontram-os lá fora, mas estes são os que mandam.

PEDRO

Nunca os tinha visto.

FRANCISCO

Aquele da cadeira mais alta, além, é Elias. Elias é o chefe, o superior, o presidente. Ele sozinho tem mais autoridade que todos os outros juntos. Dois deles já não têm nenhuma autoridade, pagam as culpas de se terem posto do meu lado. Os nomes? Este chama-se Leão, este Junípero. As mulheres não

fazem parte do conselho. São subalternas. Claro que os homens também o são. Subalternos de Elias, que é, de certeza, por sua vez subalterno de alguém que não conheço. Mas voltemos às mulheres. Conheces a história do homem que comprou um cão para ter em quem mandar? Até hoje as mulheres têm sido o cão do homem, sem ofensa. Minha mãe, por exemplo, aquela, que me gerou e pariu, foi o cão de meu pai.

PEDRO

Chamaste-me, e eu vim, por memória e mérito do teu nome. Que esperas de mim? Que queres que eu faça?

ELIAS

Vieste, e não sabes para quê? Antes de entrares, Francisco tinha-nos dito que tu e ele, juntos, destruiriam a companhia. Ignoravas que vieste aqui para destruir a companhia?

PEDRO

Francisco só me disse que queria que eu visse e ouvisse.

ELIAS

Já começaste a ver.

FRANCISCO

A ouvir, já tinhas começado. Há séculos que ouves os louvores da pobreza, e não apenas da boca dos ricos, a quem só falta lamentarem-se de não poderem ser pobres, mas também da boca de quantos dizem amar os pobres. Por amar os pobres, ou dizer amá-los, é que eu, rico, me entreguei à pobreza. Vivi e fiz viver outros de esmolas, dei o que tive e o que me davam, fui, ou quis ser, o mais pobre dos pobres. Não recebi a pobreza como uma herança, procurei-a, conquistei-a, devo-a ao fogo da vocação e ao gelo da vontade. Olhei o mundo e disse: «Serei pobre.» Tornei pobres os que vieram a mim. Vivemos juntos em pobreza, muitas vezes sem vestidos, sem pão, sem tecto. Desdenhámos as riquezas. É certo que Deus, ao criar o universo, criou as riquezas que há nele, mas Deus não chamou riqueza àquilo que criou. Para Deus não há riqueza nem pobreza, Deus não mede nem pesa, Deus apenas olha.

LEÃO

Contudo, é mais fácil entrar uma corda no buraco duma agulha do que um rico no reino dos céus.

FRANCISCO

Essa é a palavra. Mas até hoje ninguém, que se saiba, conseguiu enfiar essa corda nessa agulha.

ELIAS

A Deus nada é impossível.

FRANCISCO

Ainda bem que és tu a dizê-lo. Espero que a vontade de Deus torne possível o que a tua vontade de homem ainda não consentiu.

ELIAS

A que te referes?

FRANCISCO

Já o sabes. Pela última vez, deixa que a companhia volte a ser o que foi. O mundo ainda tem emenda. Não porque a pobreza seja boa, mas para que alguns homens sejam pobres entre os pobres apenas porque assim o escolheram, em vez de se alimentarem da própria pobreza, como doutra maneira, talvez mais franca, fazem os ricos.

JUNÍPERO

Estás a dizer heresias.

FRANCISCO

Direi outras. Pela última vez, que respondes, Elias?

ELIAS

Pela última vez, não.

FRANCISCO

Então, chegou a tua hora, Pedro. Se a companhia não quer ser pobre como tu és, se a companhia enriquece louvando-se duma pobreza que não pratica e que abomina, então que tu e os pobres a destruam. Estarei contigo e convosco até que não fique pedra sobre pedra.

PEDRO

Como queres tu que os pobres destruam os ricos? Como queres que os fracos vençam os fortes? Como queres que os inermes arredem os poderosos? Que armas nos dás, Francisco?

FRANCISCO

Um formigueiro pode vencer um leão.

PEDRO

Nunca tal vi, mas admito que seja possível. Metade do formigueiro morrerá na luta, mas a outra metade talvez possa vencer, se não aparecer outro leão.

ELIAS

Muito bem. Este Pedro pobre parece-me tão subtil e prudente como o que foi meu director-geral.

FRANCISCO

Deixemos as formigas e os leões.

PEDRO

Foste tu o da fábula.

FRANCISCO

Os pobres são muitos.

PEDRO

Também os ricos são muitos. É um engano supor que os ricos são poucos. E preciso ser-se pobre, estar colocado no ponto de vista do pobre, para ver como os ricos são numerosos. Há dias em que andamos na rua e só vemos ricos.

FRANCISCO

Abandonas-me? Tornei-me pobre para estar contigo, e abandonas-me a quem é meu e teu inimigo? Peço a tua ajuda para que comigo destruamos este egoísmo e esta ambição, e recusas-te?

JUNÍPERO

Pobre com pobre, rico com rico, cada qual com o que for seu igual. Assim provavelmente deverá ser, foi erro nosso querermos modificar os equilíbrios do mundo.

FRANCISCO

Pedro, é um pobre que pede auxílio a outro pobre.

PEDRO

Não somos pobres iguais. Tu tornaste-te pobre para poderes ganhar o céu, e nós, que pobres fomos e pobres continuamos a ser, nem a terra conseguimos conquistar. Nenhum pobre te agradeceu quando abandonaste as riquezas de teu pai.

FRANCISCO

Não esperava agradecimentos. Tratava-se de salvar as almas.

PEDRO

Não sei se salvaste alguma. Mas, ao louvares a pobreza, afirmaste a bondade do sofrimento dos pobres. Este é o pecado de que nenhuma absolvição te lavará.

ELIAS

Tenho ouvido com grande atenção. Se bem entendi, Pedro recusa-se a ajudar Francisco a destruir a companhia, quaisquer que sejam os meios em que Francisco estaria a pensar, não sei quais.

FRANCISCO

Todos os meios.

ELIAS

Tu, Francisco, exemplo de mansidão, tu matarias?

FRANCISCO

Nunca matei.

ELIAS

Darias matador por ti?

FRANCISCO

O próprio Cristo não pôde impedir que o matassem.

LEÃO

Heresia.

FRANCISCO

São heréticas todas as palavras que aqui têm sido ditas. Perserveremos nelas, digamos outras ainda mais ousadas, talvez no fim de tudo cheguemos a uma verdade que ninguém possa negar durante o tempo da sua vida.

PEDRO

Não tenho mais nada a fazer aqui. Não me leves a mal, Francisco, se te faltei. Foste pedir a pobres o que pobres não podem fazer: acabar com os ricos. Se tal fosse possível, crê que já estaria feito. Desde que o mundo é mundo que há pobreza e há riqueza. É certo que de vez em quando um pobre torna-se rico.

Quando isso acontece, e é uma coisa que os ricos gostam que aconteça, o pobre esquece a pobreza. Nunca reparaste? Evidentemente, este rico não se esquece de que foi pobre, mas a pobreza deixou de existir para ele. Mesmo que a sua riqueza seja uma pobre riqueza, insignificante se comparada com outras, não importa, ele já é rico, pertence aos ricos, os ricos pertencem-lhe.

ELIAS

Eu não saberia dizer melhor, Francisco. Fugiu-te a vitória. Tudo voltou a ser como era no dia em que chegaste. Acabou-se.

PEDRO

(Para Francisco)

O que de ti só depende está nas tuas mãos. Eu vou-me embora. Mas toma cuidado. Para onde quer que vás, deves ser tão bom como é a tua fama, porque ainda há muita gente que tem confiança em ti. Por isso te deixo esta advertência: nunca faças nada que possa enganar a esperança. *(Sai.)*

(Pausa.)

ELIAS

Falhaste em tudo, Francisco. Agora, por nenhuma razão ou sentimento, meus ou alheios, te pediria que ficasses. És o fundador da companhia, mas és somente o que então foste. Olho-te daqui, sentado nesta cadeira que continuará a ser minha, vejo-te ao longe, entre fumo, como um fantasma. És um fantasma. Passo através de ti, não existes. Se viesses tocar-me não te sentiria.

FRANCISCO

Tu também és um fantasma. No futuro és um fantasma.

ELIAS

Não chegarei ao futuro.

FRANCISCO

Vou fazer-te a vontade, Elias. Vou-me embora.

ELIAS

Vais tentar reunir forças contra nós? Talvez ainda consigas convencer Pedro e os pobres.

FRANCISCO

Não o tentarei.

ELIAS

Então?

FRANCISCO

Agora vou lutar contra a pobreza. É a pobreza que deve ser eliminada do mundo. A pobreza não é santa. *(Pausa.)* Tantos séculos para compreender isto. Pobre Francisco. *(Para os outros.)* Algum de vós quer vir comigo? Tomarei o nome de João, que é o meu nome verdadeiro. Se vou para outra vida, outro homem serei. Alguém me acompanha? Clara?

CLARA

Eu vou. Como poderia não ir?

LE AO

E eu.

JUNÍPERO

E eu.

(Afastam-se para a porta. Quando passa diante da mãe, Francisco olha-a sem dizer uma palavra. Ela olha-o também. Saem.)

ELIAS

(*Pausa*)

Nós continuamos. O segundo ponto da ordem dos trabalhos é a nomeação de um novo director-geral. Proponho que para o cargo seja designada a viúva do nosso querido Pedro, refiro-me ao outro, evidentemente. São muitas as razões que justificam a escolha... (*Pica levanta-se.*) tanto de ordem objectiva como subjectiva... (*Pica encaminha-se para a porta.*) Aonde vais?

PICA

Vou ajudar João a escrever a sua primeira página.